



Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

O CONTRIBUTO DA CRIAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO EM ARTES PARA O REFORÇO DA MISSÃO DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA

**MESTRADO EM ANIMAÇÃO
ARTÍSTICA**

Mário Jorge Branquinho
Viseu, 2012



Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Educação de Viseu

**O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da
missão da Casa Municipal da Cultura de Seia**

Tese de Mestrado em Animação Artística, apresentada à Escola Superior de
Educação do Instituto Politécnico de Viseu, sob a orientação do Professor Doutor
Luís Nuno Sousa

Mário Jorge Branquinho

Viseu, 2012

ÍNDICE:

I - INTRODUÇÃO	1
II – CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO.....	3
1. Definição do objeto de estudo	3
2. Justificação e relevância do estudo	5
3. Importância do projeto	7
4. Definição de objetivos	8
4.1. Objetivo geral	8
4.2. Outros objetivos	9
III – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
1. Contornos conceptuais	11
1.1. O papel dos municípios na dinamização cultural	11
1.2. O papel dos programadores culturais	13
1.3. Políticas culturais - descentralização e democraticidade	14
1.4. Relação entre cultura e economia	19
1.5. Relação - criador / público e adesão	20
1.6. Valor educativo dos espaços culturais municipais	22
1.7. Missão da “Casa” enquanto espaço cultural municipal	23
IV – CONTEXTOS OPERACIONAIS E ORGANIZACIONAIS	
1. Identificação de Serviços Educativos de referência	27
1.1. CCB – Fábrica das Artes	27
1.2. Serviço Educativo da Oficina / CCVF (Guimarães)	28
1.3. Serviço Educativo da Fundação de Serralves	30
1.4. Serviço Educativo do Teatro Nacional São João (TNSJ)	31
2. Fatores diferenciadores	33
2.1. Despesas com cultura	33
2.2. Equipamentos Culturais da cidade	34
2.2.1. Casa Municipal da Cultura	34
2.2.2. Biblioteca Municipal	35
2.2.3. Arquivo Municipal	35
2.2.4. Museu do Brinquedo	35
2.2.5. Museu Natural da Eletricidade	36

2.2.6. Ludoteca Municipal	36
2.2.7. CISE – Centro de Interpretação da Serra da Estrela	36
2.3. Coletividades de Cultura e Recreio	37
V – PROJETO DE AÇÃO	38
1. Metodologia	38
2. Análise das entrevistas	41
3. Iniciativas a consolidar e outras a criar	47
4. Iniciativas a consolidar	48
5. Novas iniciativas a criar	51
5.1. “Pinturas e Contos”	51
5.2. “O teatro pela mão das crianças”	54
5.3. “A gente vai à música”	56
5.4. Cronograma das novas iniciativas a desenvolver	58
5.5. Monitorização e avaliação do resultado das novas iniciativas a desenvolver. 59	
CONCLUSÃO	61
BIBLIOGRAFIA	64
ANEXOS	68
ANEXO I – Guião de entrevista.....	69
ANEXO II – Recorte de Imprensa – Casa da Cultura	70
ANEXO III – Entrevista a Cristina Sousa	71
ANEXO IV – Entrevista a Sérgio Reis	74
ANEXO V – Entrevista a Dina Proença	77
ANEXO VI – CCB – SE – Fábrica das Artes	80
ANEXO VII – Depoimento pedagógico de Madalena Walleinstein	81
ANEXO VIII – Projeto do SE do Centro Cultural Vila Flor, Guimarães	83
ANEXO IX – Questionário a Elizabete Paiva, SE do CC Vila Flor	84
ANEXO X – Programa Educativo de Serralves	86
ANEXO XI – Questionário a Margarida Saraiva, SE de Serralves	87
ANEXO XII – Projeto Educativo do TNSJ, Porto	89
ANEXO XIII – Questionário a Luísa Corte-Real, SE do TNSJ, Porto	91
ANEXO XIV – Caracterização do concelho de Seia	92
ANEXO XV – Para lá da cortina, oficina de férias	94
ANEXO XVI – Curso de Iniciação Teatral	95

ANEXO XVII – Relatório de visitas guiadas a exposição	97
ANEXO XVIII – ARTIS – Texto de apresentação	98
ANEXO XIX – Ludoteca Municipal de Seia	99
ANEXO XX – Peça Infantil – “A Fuga dos Brinquedos”	100
ANEXO XXI – Ficha de Avaliação “Pinturas e Contos”	101
ANEXO XXII – Ficha de Avaliação “Ao teatro pela mão das crianças”	102
ANEXO XXIII – Ficha de Avaliação “A gente vai à música”, Técnicos S. Social..	103
ANEXO XXIV – Ficha de Avaliação “A gente vai à música”, Professores.....	104
ANEXO XXV – Ficha de Avaliação “A gente vai à música”, idosos.....	105
ANEXO XXVI – Fotografia da Casa Municipal da Cultura de Seia	106

Resumo:

O presente projeto pretende demonstrar a importância que terá a criação do Serviço Educativo na Casa Municipal da Cultura de Seia (CMCS) e o reforço que este dará para o cumprimento da missão deste espaço cultural municipal. Partindo da análise de conceitos de política cultural e do conteúdo das entrevistas efetuadas, bem como do conhecimento de serviços educativos de referência, procura-se evidenciar a pertinência das suas práticas, com vista à criação de novos públicos. Em simultâneo, procuram-se também respostas para o efeito prático dos Serviços Educativos, como instrumentos de sensibilização e motivação dos diferentes públicos para as temáticas da animação artística, e que integrem momentos de formação, de partilha de conhecimentos, emoções e valores, e que estimulem uma aproximação crítica e criativa às várias manifestações culturais que decorrem na CMCS. Ações integradas numa vasta programação e que potenciem a fruição deste espaço cultural do concelho de Seia. Tendo em conta o conjunto de boas práticas necessárias para o cumprimento da missão deste espaço cultural municipal, procura-se ainda - e aproveitando os vários recursos técnicos e humanos do município - dar um contributo decisivo para o reforço dessa missão.

Palavras-chave:

Serviço Educativo, Novos Públicos, Animação Artística; Programação

Abstract:

The present project demonstrates the value of the incorporation of the Educative Services at the Cultural House of the Municipality of Seia (Casa Municipal da Cultura de Seia) and reinforces the mission of the environment of local Culture.

Based on the analysis of the political and cultural concepts of the interviews conducted as well as the knowledge of the educational service, we want to achieve best practices in order to target new audiences.

At the same time, we look for answers with integrated tasks for these educational services as motivating tools to reach different audiences on themes such as tourism with integrated training sessions, sharing know-how, emotions and values, stimulating a critical and creative approach to the wide varieties of cultural expressions at the Cultural House of this municipality.

Key words:

Educative Service, New Audiences, Art Animation; Programming

Declaração

Declaro, por minha honra, que este trabalho é original e todas as fontes utilizadas estão devidamente referenciadas.

O Candidato

Viseu, 11 de setembro de 2012

I – INTRODUÇÃO

Os Serviços Educativos nos Espaços Culturais são essenciais na promoção de uma consciência crítica, enquanto espaços de negociação e discussão participada. E no cruzamento entre o lazer e a aprendizagem assenta naturalmente a atuação dos projetos educativos, com vista à criação de novos públicos e ao estabelecimento de novos relacionamentos com esses mesmos públicos.

A proposta de criação do Serviço Educativo na Casa Municipal da Cultura de Seia, que se estabelece no presente trabalho, procurará ser estrutural e orgânica na sua ligação com os vários serviços culturais do Município de Seia e a programação da própria Casa da Cultura como um todo, diversificando abordagens, promovendo reflexões e debate, desenhando estratégias e ferramentas para uma fruição mais informada, contribuindo para a construção de experiências perduráveis no tempo e para o desenvolvimento do pensamento criativo. Nesse sentido, o serviço educativo ajudará a construir pontes importantes para dois factores fundamentais à vitalidade e qualidade da vida cultural e artística da comunidade – a relevância e a participação.

Consciente de que o acesso das populações aos bens culturais vem sendo uma preocupação largamente dominante nas Câmaras Municipais, coloca-se amiúde a dicotomia entre “fazer cultura” e “aceder à cultura” (Silva, 2007, p.11), e por isso, esta temática estará implícita no decurso do presente trabalho.

Outra questão importante na intervenção cultural do poder local é o relacionamento dominante com o sistema escolar e o meio associativo. E aqui entra o público escolar, que os serviços e programas educativos procuram fazer emergir, num processo cada vez mais próximo das escolas e demais instituições da comunidade.

Também a participação das associações é vital para a quase totalidade das políticas municipais, uma vez que são geradoras e organizadoras de inúmeros eventos, “sendo simultaneamente depositárias de tradições, além de que mobilizam públicos próprios, trazem notoriedade, prestígio e influência essenciais para os processos de legitimação política” (Silva, 2007, p.23).

Neste contexto, importa analisar as *condições* em que emergem e se estruturam as políticas culturais de Seia, como de tantas outras cidades de pequena dimensão, num contexto em que a esfera cultural e simbólica adquire um papel relevante nas estratégias de competição que animam os sistemas e hierarquias urbanos. Além do mais, a pequena escala tem uma vantagem adicional, ao permitir redes de comunicação informais, flexíveis e ágeis, desburocratizando processos de decisão e densificando os contactos entre os agentes culturais, tornando o seu trabalho mais colectivo, “tendência que caracteriza crescentemente os “*mundos da arte*”, (Lopes, 2000, p. 82).

É partindo desta noção de escala, onde a pequena dimensão emerge, que poderemos dizer que a simples criação de um Serviço Educativo num espaço cultural municipal, resultante de aproveitamento de sinergias, se pode revelar preponderante, como um pequeno contributo para o desenvolvimento cultural local, que se quer inovador e em constante inquietação.

Deste modo, no presente trabalho, proponho-me numa primeira parte e no âmbito contextual, definir o objeto de estudo, sua justificação e relevância, importância do projeto, definição de objetivos e metodologia. No enquadramento teórico, anoro-me numa revisão da literatura e seus contornos conceituais, que me permitem definir a missão da “Casa da Cultura” enquanto espaço cultural municipal; identifico 4 Serviços Educativos de referência: do CCB – Centro Cultural de Belém (Lisboa), da Fundação de Serralves (Porto), do Centro Cultural Vila Flor (Guimarães) e do TNSJ – Teatro Nacional São João (Porto). Partindo destas referências, procuro enquadrá-las no contexto local de Seia, enquanto território de baixa densidade, identificando os seus fatores diferenciadores, sua cultura, tradições, equipamentos Culturais e Coletividades de Cultura e Recreio.

No capítulo do projeto de ação propriamente dito, depois do respetivo enquadramento e referência à sua pertinência; identifico um conjunto de iniciativas a consolidar, numa primeira fase, seguindo-se a descrição de 3 ações a desenvolver e tudo o que tem a ver com a sua execução. Socorro-me entretanto, de um cronograma para facilitar a leitura das atividades, seguindo-se a monitorização para avaliação de resultados.

II – CONTEXTUALIZAÇÃO

1. Definição do objeto de estudo

O objeto de estudo do presente trabalho, será a ação propriamente dita que se pretende desenvolver, e que é a criação do Serviço Educativo da Casa Municipal da Cultura de Seia, bem como a sua programação, com vista à formação de novos públicos. Nesse sentido, procurar-se-á definir muito bem a forma como esse serviço será criado, no âmbito das diversas estruturas culturais do município, num aproveitamento de sinergias, que resultam da ação dos vários técnicos aí colocados. Por isso, o pólo central do Serviço Educativo funcionará a partir da Casa Municipal da Cultura de Seia, cujo responsável, que é técnico superior do quadro do Município (simultaneamente autor deste trabalho) fará toda a coordenação, a partir da programação previamente definida e articulada.

A ideia da criação deste Serviço Educativo e a programação que lhe estará associada, resulta da necessidade de se incrementar uma estratégia consistente na formação de públicos, direccionada sobretudo às camadas mais jovens da comunidade.

Por isso, entende-se que através da criação deste serviço, com laivos de informalidade, sem o peso institucional de mais uma estrutura, se reforça a missão da Casa, um espaço cultural para ser cada vez mais usufruído pelas pessoas do concelho de Seia em geral e dos jovens em particular.

Para se perceber melhor o desafio que se propõe, convém realçar o fato do Município de Seia dispor de uma rede de equipamentos culturais na cidade, dotados, quer de modernas instalações, quer de atividade própria, através dos seus técnicos superiores e demais agentes culturais. Referimo-nos em concreto à Ludoteca Municipal, onde se desenvolve uma atividade relevante junto das crianças do concelho, através de oficinas de teatro, música, pintura, etc. E será numa boa articulação entre o programador da Casa da Cultura e os técnicos da Ludoteca, no quadro da política cultural do município, que se procurarão, em primeiro lugar, consolidar atividades e eventos já existentes e em segundo lugar propor - pelo menos e a título exemplar - a criação de 3 novas iniciativas no domínio das artes,

com carácter de inovação e de envolvimento dos vários serviços, de modo a valorizar o Serviço Educativo que se pretende instalar, na Casa da Cultura.

Essa colaboração pode vir também do Arquivo Municipal, cuja responsável poderá dar um contributo significativo no acompanhamento a grupos que façam visitas guiadas à Casa da Cultura, proporcionando um enquadramento histórico-cultural, como forma de reforço da identidade local. Ou da Biblioteca Municipal, cuja bibliotecária e demais técnicos poderão contribuir para a valorização de iniciativas, quer no âmbito da Feira do Livro ou do Festival ARTIS, que anualmente decorrem na Casa da Cultura. Ou ainda dos Museus do Brinquedo e da Eletricidade, com quem se pode articular exposições ou outras ações performativas, numa base colaborativa, em torno de temáticas dos próprios museus. E por último, com o CISE – Centro de Interpretação da Serra da Estrela, que pode também contribuir para a valorização de ações que decorram na Casa da Cultura, sobretudo na organização de oficinas e outras ações performativas direcionadas para o ambiente, com destaque para as que se inserem no Cine'Eco, que é um Festival Internacional de Cinema Ambiental que decorre anualmente na Casa da Cultura, desde 1995.

Será, portanto, neste quadro de relações entre estruturas do município de Seia que se procurará criar uma espécie de Serviço Educativo informal, mas com ações planeadas e articuladas, como se demonstrará ao longo deste trabalho, onde se inscrevem 'consolidação de iniciativas' e 'criação de novas iniciativas'. E simultaneamente, como se verá, reforçar-se-á a tomada de consciência do valor educativo que estas estruturas têm, bem como do contributo que darão para a implementação de atividades, numa perspetiva de aproveitamento de recursos. Além disso, darão inevitáveis contributos com conceitos e instrumentos que ajudam a delinear novas atuações e novas relações.

Dado que os serviços educativos vão para além do trabalho com as escolas e das visitas guiadas, não pretendemos neste caso substituir o papel da escola, uma vez que o trabalho a desenvolver no âmbito dos vários serviços do município de Seia com epicentro na Casa Municipal da Cultura, será numa perspetiva de educação não formal. Neste caso, educação pode significar abrir campo à experimentação, à negociação e comunicação, à criatividade e inovação. Ou seja, que o Serviço Educativo seja um espaço de conexão e intersecção do lazer e da educação, onde se promove o prazer e o sentido lúdico, a diversidade cultural numa abordagem plural.

Importa referir entretanto, o desempenho do programador, que deverá “(...) seguir uma linha de orientação num universo de vários sentidos”, (Honrado, 2007, p. 17-25). Programador que neste caso, encarna uma mediação activa, no triângulo desenhado entre as estruturas municipais, a obra e os públicos. E assim, concebe e implementa instrumentos que, de acordo com Honrado, permitam suportar essa permanente busca de sentidos.

Este serviço educativo será um espaço de mediação e construção partilhada de saberes e experiências, espaço de relevância, onde há lugar, precisamente para experiências criativas, para a promoção de diálogos e projetos de proximidade. Ou seja, onde tudo se cruza – quer os serviços culturais do município, quer as diversas áreas artísticas a desenvolver pelos vários intervenientes – num espírito de partilha e de desejo de novas aprendizagens que aqui confluirão.

2. Justificação e relevância do estudo

Julgamos que ao adotar esta estratégia de criação do Serviço Educativo, estamos a contribuir efectivamente para o reforço da missão da Casa da Cultura, complementando assim o amplo leque de boas práticas necessárias para tal efeito.

Por outro lado, entendemos como hipótese teórica que, a adoção do Serviço Educativo exige uma estratégia devidamente planeada e consertada, com uma programação no domínio da animação artística, vocacionada para a criação de novos públicos, daí a proposta deste projeto devidamente fundamentada.

Acresce ainda que, para além desta postura ser decisiva para a criação de novos públicos, dará igualmente um forte contributo para uma maior aproximação da “Casa” à comunidade deste território do interior do país, com as pessoas e para as pessoas, resultando daí igualmente, uma maior rentabilização deste espaço cultural.

A criação do Serviço Educativo, passará por criar um programa diversificado e criativo, de modo a contribuir para uma melhor compreensão das manifestações artísticas contemporâneas ali realizadas.

O fato de a aprendizagem decorrer num contexto informal, numa lógica de equipa e num espírito aberto e criativo, certamente se proporcionará a todos os

envolvidos uma experiência única capaz de atingir os objetivos pretendidos. E o projeto terá tanto mais relevância, quanto mais dinâmico e criativo se tornar, com ações continuadas e articuladas, procurando ser mais uma alternativa à escola do que um complemento.

O caráter inovador da programação será também relevante no êxito desejável do Serviço Educativo, sendo por isso importante um acompanhamento especializado, que proporcione a quem o visita uma aproximação dinâmica à arte contemporânea, privilegiando novas aprendizagens, integrando programas de educação ambiental e artística, assentes em valores como o da formação para a cidadania.

As visitas às exposições, as conversas com artistas, as oficinas de teatro, música e dança para crianças e jovens são atividades centrais na programação, procurando o cruzamento de referências entre artes visuais e performativas, numa perspetiva interdisciplinar da cultura contemporânea.

No fundo, será determinante a consistência da relação estabelecida entre as pessoas e este equipamento cultural municipal, assim como será igualmente fulcral, o estímulo dado ao pensamento crítico, dada a importância da formação para a cidadania, já que estamos perante uma forma de educar, numa perspectiva não formal.

Dado que o Município de Seia confere uma atenção especial aos novos desafios, que se colocam em cada momento à sociedade, será também relevante a prioridade à ajuda na integração de pessoas portadoras de deficiência, através do Serviço Social da Câmara em parcerias com instituições vocacionadas para o apoio e acompanhamento destes grupos.

De forma a materializar estes intentos e tendo presente as características deste projeto optámos por utilizar uma metodologia qualitativa alicerçada em entrevistas a informantes privilegiados. Para isso foram aplicadas 3 entrevistas de forma alcançarmos os objetivos estabelecidos. Mais se acrescenta que face às características desta análise, a metodologia aplicada revelou-se a mais pertinente de ser implementada, tendo em consideração o contexto de investigação definido.

3. Importância do projeto

Partindo do desafio conducente à criação de novas estratégias de relacionamento com os públicos, o Serviço Educativo será importante na medida em que assumirá o papel de interface de comunicação com as audiências, para além de ter de se apresentar como um lugar privilegiado para a construção de saberes, estabelecendo simultaneamente relações duradoiras e exigentes.

Será por isso, um terreno fértil para a mediação, o diálogo e o encontro das comunidades com as instituições do concelho de Seia. No entanto, o Serviço Educativo não será dissociável da programação da própria Casa da Cultura.

O carácter sistemático e diversificado da programação deste complexo municipal exige que o Serviço Educativo assegure também um acompanhamento especializado e proporcione a quem a visita, uma aproximação dinâmica às manifestações artísticas ali realizadas.

É também um fator preponderante e justificativo destas ações, a consolidação dos participantes habituais, captação e formação de novos públicos com o intuito de estabelecer uma relação de fidelização e de proximidade com todos os interessados. E assim, dar passos significativos e concretos na conquista de espaço próprio de intervenção. Uma intervenção alargada, de modo a consolidar-se, em estreita articulação com outras instituições, aberta à contemporaneidade, contribuindo para a democratização do acesso a bens culturais e por essa via, contribuir, ainda que de forma quase ténue, para a construção de uma cidade e de um concelho mais democrático e inclusivo.

O projeto terá tanta ou mais importância, quanto mais desafiante se tornar para quem usufrui, na perspectiva de que, as pessoas que frequentam o espaço, participem, fazendo, e assim, alimentar a sua sensibilidade nos desafios lançados, nas memórias que importa despertar e no futuro criativo que se impõe inovar.

Dado que um serviço educativo é uma área sujeita às leis da concorrência no âmbito da oferta do entretenimento e do lazer, a sua visão terá de ser suficientemente abrangente para responder às expectativas dos públicos e, simultaneamente, primar pela capacidade de sustentar uma missão pedagógica que acompanhe os novos desafios da sociedade.

Em suma, poderemos dizer que a formação de novos públicos e a educação artística, serão as apostas fundamentais deste projeto, conscientes de que estes aspetos são pilares de desenvolvimento das sociedades contemporâneas ao promover competências criativas essenciais para o aprofundamento das capacidades e inteligência dos indivíduos.

4. Definição de objetivos

4.1. Objetivo geral

Partindo da premissa de que a Casa Municipal da Cultura de Seia, enquanto instituição cultural que serve a comunidade e sendo também uma das suas missões a contribuição para a educação ao longo da vida, o objetivo central do presente trabalho é a criação do Serviço Educativo (SE) neste equipamento cultural. Obviamente que tal proposta será ancorada num pacote de programação definida e previamente planeada, tendo em vista sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da arte.

Um objetivo claro e simples, que assenta objetivamente na ideia de que o SE terá necessariamente de contribuir para a formação cultural do indivíduo, numa perspetiva de aprendizagem não formal, construtiva e crítica. Um caminho que terá de ter em conta as várias etapas do processo e que neste caso resultará de um conjunto de parcerias entre diversas estruturas municipais de Seia, com epicentro na Casa Municipal da Cultura (CMC).

Neste contexto objetivo, remeteremos a nossa atenção e empenho redobrado na definição de metas que enunciam aquilo que se pretende alcançar, procurando ser realistas, adequadas, sustentáveis e limitadas. Ou seja, será uma proposta que tenderá a reforçar laços entre a CMC e a comunidade local, através do trabalho articulado dos vários agentes culturais do município de Seia, com o intuito de criar hábitos culturais, no domínio das artes performativas, devidamente planeadas e consertadas. E nessa perspetiva, será de todo vantajoso que este “instrumento” seja um recurso acessível à comunidade, proporcionando um contato

direto com as obras de arte e as manifestações artísticas ali decorrentes, valorizando a educação pela arte. É por isso objetivo central do Serviço Educativo, propor ao público, modos de expandir e aprofundar este contato, assente em ações pedagogicamente orientadas e de longo prazo, que procuram intensificar a relação estabelecida com a comunidade e incentivar a criação de hábitos culturais.

Pretende, assim, dar um contributo de destaque para o desenvolvimento dos indivíduos, da sociedade e da sua identidade, de modo a enriquecer a qualidade de vida individual e coletiva.

4.2. Outros objetivos

Nesta linha de pensamento, a ação, ou ações a desenvolver reforçarão a ideia da concretização simultânea de outros objetivos, como se depreende do acima exposto. Por isso, não será demais acrescentar, que a criação do SE terá igualmente como objetivo fundamental, o fato de proporcionar momentos de formação, de partilha de conhecimentos, emoções e valores, que estimulem uma aproximação crítica e criativa às várias actividades de animação artística que decorrem na Casa Municipal da Cultura (CMC).

Naturalmente que ao propormos a realização de um conjunto de actividades, estamos a potenciar a fruição deste espaço ao serviço do concelho de Seia. Porque é importante que as pessoas frequentem o espaço como “*casa sua*” e se identifiquem com ela, numa perspectiva de desenvolvimento da vertente identitária.

Todavia, é oportuno anotar que, o tipo de programação da CMC exige, por sua vez, que o Serviço Educativo assegure um acompanhamento especializado, dado pelos diversos agentes culturais do município e proporcione a quem a visita uma aproximação dinâmica à arte contemporânea disponível. No fundo, este complexo cultural configura-se como um espaço privilegiado de aprendizagens que integram programas de educação artística, assentes em valores como o da formação para a cidadania, objectivos essenciais na elaboração da presente proposta.

Assim, encerra-se um outro objetivo considerado essencial, já que permite incentivar a criação de hábitos culturais, com a conseqüente criação de novos públicos em Seia, assente em ações pedagogicamente orientadas e de longo prazo, de modo a intensificar a relação da “Casa” com a comunidade.

Neste contexto, poderemos formalizar como hipótese, a ideia de que, para ganhar novos públicos, um dos caminhos será o da criação deste tipo de ações e de serviços, com iniciativas práticas e dirigidas a públicos específicos. Outra hipótese que se afigura pertinente é se não estaremos perante públicos-alvo habitualmente arredados das programações dos centros culturais e que por isso necessitam de atenção e de ações pedagogicamente orientadas?

III – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Contornos conceituais

1.1. O papel dos municípios na dinamização cultural

Na elaboração do presente trabalho, onde se propõe criar um Serviço Educativo em Artes, num complexo cultural Municipal, num território de baixa densidade populacional, como é Seia, é pertinente ter em conta vários contornos conceituais, de modo a situar-nos, tanto na perspetiva de políticas culturais, como de outros conceitos que entroncam no espírito da animação artística.

Nesse sentido, começamos por frisar a importância da dinâmica de crescimento da intervenção municipal no sector da cultura e do seu papel na conformação da oferta e procura cultural. “As competências legais das autarquias locais nesta área estão definidas de forma muito genérica, o que faz depender o grau de implicação municipal do voluntarismo dos edis. É um traço que se verifica também, e por exemplo, em França” (Négrier, 2004, cit. Silva 2007, p.11).

As instituições culturais, entre elas os municípios, são elementos essenciais na construção de representações culturais, a quem compete criar mecanismos capazes de gerar, promover e refletir a diversidade, o potencial criativo, o dinamismo e a transformação permanentes, de modo a fomentar o crescimento e a evolução das sociedades. Em Portugal, são precisamente os municípios - que têm sido mais recetores do que produtores de política cultural – a assumir-se como pólos aglutinadores de uma prática bem vincada nesse domínio e cujas marcas são bem visíveis nos planos elaborados e nas ações desenvolvidas.

Ou seja, constata-se que de uma maneira geral, as estratégias de política autárquica giram à volta de objetivos da construção de equipamentos, e a partir daí na procura de criação e formação de públicos, bem como o apoio ao movimento associativo e artístico. Tudo isto, podemos dizer, num espírito de serviço público para a cultura. “E não é apenas alargar e formar públicos, melhorando as condições de acessibilidade dos bens e eventos culturais: é fazê-lo na dupla perspetiva de

alargamento do acesso e de atenuação das distâncias entre receção e criação e utilizando como instrumentos principais a aproximação dos públicos em formação, designadamente escolares, aos contextos e meios de criação artística” (Lopes, 2003, cit. Silva 2007, p.19) e a intervenção em espaços públicos e semipúblicos e outras “zonas de intermediação social e cultural” (Fortuna e Silva, 2001, cit. Silva 2007, p.19).

Nesse contexto, infere-se uma problemática global, que encaixa na necessidade de atrair e fixar públicos, de modo a que as estruturas culturais, sejam elas municipais ou de outra índole, cumpram a sua missão o mais próximo da sua plenitude.

Assim, temos que o público pode ser considerado como uma questão abstrata, meramente estatística, e o que interessa é identificar e captar indivíduos que vivam a obra (pintura, escultura, teatro, dança, cinema, ...) à sua maneira e que o todo, mesmo que seja desprezível em termos estatísticos, seja globalmente rico e diversificado, podendo ter reflexos na sociedade.

Contudo, é legítimo pensar-se se o problema com os públicos não é consequência de uma interpretação distorcida do direito de todos à Cultura? É que, através do investimento em estruturas culturais e apoios diretos ou indiretos, se pode deduzir que o Estado e as autarquias, procurando algum retorno, praticamente entenderam o acesso à Cultura como um ‘dever’. E o mesmo se passou na educação com a escolaridade obrigatória, que se tornou assim um direito “obrigatório”.

Concordando ou discordando, há um dado que é indesmentível e que é o notório aumento da despesa financeira dos municípios no sector cultural e que se traduz em dinâmicas locais bem visíveis. Uma dinâmica que se iniciou com a integração europeia de Portugal. É evidente que foi graças a esta adesão das autarquias que o país pôde mudar, nos últimos trinta anos, com a construção de equipamentos básicos para fins culturais e com um nível de disseminação pelo conjunto do território, e de que Seia é também um pequeno exemplo.

Um fator a que não é alheio o binómio - cultura e poder, dois ingredientes básicos do relacionamento humano, duas dimensões de todas as relações sociais, daí a expansão deste sector, aprofundada de ano para ano.

Assim se explica a crescente autonomização do pelouro da cultura, que “tem sido evidenciada em estudos de caso, com particular expressão nas décadas de 1990 e 2000” (Azevedo, 2004; Melo, 2004; Santos, 2005, cit. Silva 2007, p. 16), sublinhando-se a diferenciação dos responsáveis políticos e a intervenção de técnicos e quadros superiores.

1.2. O papel dos programadores culturais

Um dos elementos igualmente importante dessa mudança é o papel desempenhado pelos programadores, enquanto responsáveis pela gestão artística das salas. “Este protagonista traduz-se especificamente nas funções de intermediação, aliando ao conceito de origem o prefixo “-inter-”, para circunscrever as realidades onde se processa, com o sufixo “-ção-“, de acção” (Hennion, 1993, cit. Madeira, Cláudia, 1999, p.1).

“Neste sentido, o intermediário cultural, é aquele que serve de canal, de facilitador da ligação entre dois mundos (produção e consumo, principio e fim), que estando separados devem ser ligados para que o processo de criação resulte” (idem). Terá um papel de mediador entre os criadores e o público. Será, por assim dizer, um elemento que deve procurar dar voz e lugar às expressões individuais e aos movimentos coletivos.

De fato, o papel do programador cultural no panorama artístico contemporâneo terá um cunho importante no estímulo e no sentido crítico no que se refere à prática da programação, tendo em conta as consequências da sua intervenção no campo das artes. Daí a importância das diferentes posições no campo artístico, tal como a análise que faz às programações que pretende implementar, assim como à conceptualização desses projetos de programação cultural.

Seguindo este raciocínio e na ótica de Cláudia Madeira (idem) o programador “terá por função selecionar sobre o conjunto da oferta, uma “mostra” a apresentar ao público no contexto da organização de divulgação cultural em que se inscreve”, (p.2).

Com programadores imbuídos neste espírito de intermediação, a partir dos equipamentos culturais construídos pelo país fora, abriu-se assim a possibilidade do acesso das populações aos bens culturais, fator dominante; imergindo a partir de então, uma abordagem, não do lado da produção e legitimação das criações, mas sim do lado das condições da sua recepção — não do lado do “fazer cultura”, mas sim do lado do “aceder à cultura”. É que um programador será alguém com um conhecimento vasto das artes e capaz de entender e interpretar a diversidade das expressões artísticas nos contextos sociais em que surgem. Alguém que não deverá escolher segundo os seus gostos ou preferências pessoais, mas que também não se poderá eximir a dizer o que pensa dos trabalhos alheios.

1.3. Políticas culturais, descentralização e democraticidade

De tudo isto resultam incidências na amplitude da oferta, nos preços e, mais recentemente, na formação dos públicos. E em todas, são claros os modos de atuação predominantes: quanto à oferta, promoção direta pela própria câmara municipal; quanto ao preço, privilegiamento, sempre que possível, da gratuidade; quanto à formação, multiplicação das ações dirigidas, sobretudo, às crianças e aos jovens.

Utilizando a tipologia proposta por João Teixeira Lopes (2003, cit. Silva 2007, p. 25 – 26) “pode dizer-se que se privilegiam localmente políticas de primeira geração - promoção da oferta de equipamentos e obras culturais - e segunda geração - promoção da formação dos recetores - e não políticas de terceira geração - as que intervêm também do lado das práticas de criação artística, e do ponto de vista da democratização do acesso, já não apenas ao consumo cultural, mas à (re)criação cultural”.

Outro traço significativo na intervenção local em termos culturais, é o relacionamento dominante com o sistema escolar e o meio associativo, de que se dá conta ao longo deste trabalho.

Chegados aqui, importa refletir sobre o conceito “política cultural”, que a UNESCO define como o “conjunto de operações, princípios, práticas e procedimentos de gestão administrativa ou orçamental que servem de base à cultura do Estado, pertencendo a este a determinação da sua própria política cultural em função dos seus valores culturais, dos seus objetivos e das opções que pretende alcançar” (Ander-Egg 1999, p.58).

Depois de definido, de forma breve e clara, este conceito de política cultural, como ponto de partida de análise de estudo teórico, poderemos partir para o aprofundamento de novas ideias e reflexões, para percebermos bem o meio em que nos movemos. Nesta linha de raciocínio, podemos falar em várias tipologias conceituais, que nos ajudam a situar e a compreender este enquadramento teórico. Desde logo “as políticas culturais carismáticas (apoiar os criadores reconhecidos); as políticas de democratização da cultura (propõem-se alargar o acesso às obras a um público tão vasto quanto possível) e as políticas de democracia cultural (não se limitam a facilitar a criação artística, mas pretende estimular alargadamente a criatividade cultural e propiciar a expressão cultural dos diversos grupos sociais” (Costa, António Firmino, 1997, p. 10-14).

Introduzimos aqui estas definições, para servir de ponte para outros conceitos, considerados pertinentes no estudo de políticas culturais autárquicas, cujo enfoque prevalece no presente trabalho. E nessa medida, distinguimos também como fator primordial a noção de - democracia cultural. “(...) uma noção que se prende com áreas como a educação ou as indústrias culturais e respetivos mercados. Prende-se também de uma forma muito direta com noções tão essenciais como as de descentralização – ou regionalização, que não é exatamente a mesma coisa – e pluralismo, uma noção que no âmbito da política cultural se pode tornar muito menos evidente, do que à partida parece” (Melo A., 1997, p.1-2).

Uma noção que, como se verifica, é fulcral nas áreas da educação e das indústrias culturais, de onde emergem os fatores de descentralização e de pluralismo, fatores essenciais na melhoria das condições de acesso das populações à formação e informação cultural de base e rede de serviços culturais básicos.

Nesse sentido, a política cultural, deve ter uma ação autónoma, em convergência com as políticas de ensino e educação. E com preocupação de descentralização, de alargamento geográfico.

Tendo em conta que as políticas culturais contemporâneas, são no essencial, políticas públicas criadas e fermentadas num contexto de reflexão social, com impacto no espaço público, importa conhecer os vários tipos de espaços culturais, para nos situarmos neste patamar.

“José Madureira Pinto (1994, 1995 e 1997) (...) localiza 5 tipos de espaços culturais: a) O espaço da cultura chamada “erudita” ou “cultivada”, sobrelegitimada face a todos os outros; b) o espaço das indústrias culturais, relativo à chamada – também com reservas - “cultura de massas”, à sua produção, difusão e consumo; c) O espaço organizado das subculturas dominadas e emergentes, que se pode decompor num espaço associativo e num espaço tutelado (artesanato tradicional, etc.) e onde tem lugar central o associativismo; d) O espaço coletivo (festa urbana) e o reservado (bar, café, discoteca); e) o espaço doméstico” (Costa, António Firmino, 1997, p. 10-14).

Decorrendo da definição destes tipos de espaços culturais, cruzamo-nos inevitavelmente com os vários modos de relação entre os chamados “bens culturais”. Aí incluiremos o próprio processo de criação, assim como da expressão, da participação e naturalmente da receção da oferta.

Sem cair na tentação de no presente trabalho aprofundar muito a teorização do processo de relação com os bens culturais, como de outros conceitos interligados, não quisemos deixar passar sem fazer leves abordagens, como forma de entendermos o que consideramos essencial neste domínio. E assim sendo, e porque nos dias de hoje tanto se fala do consumo em grande escala, é pertinente sublinhar a facilidade com que somos “bombardeados” diariamente com aquilo a que podemos designar de “arte para as massas”. Uma oferta a uma escala gigantesca oferecida tanto na televisão como na internet e que nem sempre é saudável e profícua.

Ou seja, retemo-nos aqui na reflexão relativa aos inconvenientes de uma arte feita para consumo em grande escala, fator tantas vezes apontado como responsável pelo atraso cultural de certos povos. E Portugal e sobretudo as regiões do Interior, são tantas vezes apontadas como vítimas desse processo, que nos coloca com frequência, nos discursos públicos e nos relatórios institucionais, na cauda dos países mais desenvolvidos.

Mas voltando à profundidade conceitual dos termos em análise, detemo-nos igualmente na importância das palavras e da complexa relação entre signos, que a miúdo nos remete para uma interrogação pertinente: onde começa o real ou aonde acaba o simbólico? Conforme se encontra exposto no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure (1926), Rui Pedro Fonseca (2007, p. 117-133) “o estruturalismo encarava o estudo da língua como um sistema complexo dotado de relações entre signos: aqueles elementos que por norma designamos por palavras. A construção de um signo permite ver a natureza arbitrária da linguagem utilizada pelos *média*, cujo sistema não faz alusão ao “referente”, ou “real”, ou seja, à coisa genuína do mundo, por oposição ao conceito, aspeto ou fonema da palavra”.

Todavia, quando se consome não se consome só o objeto, mas também o discurso ideológico que lhe está subjacente, como parece constatar-se na vasta e complexa relação entre signos. Linguagens e simbologias que criamos, não apenas a partir das nossas experiências, mas sobretudo “(...) a partir de uma estrutura complexa de códigos, símbolos e convenções, que nos procedem e, no essencial, determinam o que para nós é possível fazer e até pensar” (cf. Heartney, 2001, citado por Rui Pedro Fonseca, 2007, *idem*).

Noutra frente de pensamento, embalada nesta abordagem teórica de conceptualização e conceitos culturais de uma forma geral, apraz-nos igualmente sublinhar a importância a dar, em particular, a vetores estruturantes, de preservação, valorização e disponibilização do património cultural acumulado. E nesse particular, ressaltamos as condições de democratização cultural e de desenvolvimento cultural sustentado.

Fica assim clara, a importância destes aspetos de democratização cultural, de desenvolvimento sustentado, dos recursos disponíveis e do papel das autarquias, escolas, associações e outras entidades, no respeito pelas identidades culturais. Transparece por isso, uma clara ideia do conjunto de fatores intervenientes neste processo, cujo objetivo será o de consolidar novas práticas culturais, de encontro aos vários públicos. E nesse propósito, levar as pessoas, de uma dada comunidade, a aderir às iniciativas, a consumir esses “bens culturais”. Posto isto, é oportuno sublinhar a importância dessa linha de pensamento que tem a ver com o fenómeno da democratização cultural, que cada vez mais é encarada como fator decisivo para o desenvolvimento das comunidades. E assim, pode ser pertinente uma reflexão

sobre o acesso igualitário de todos os indivíduos e grupos aos bens culturais, assim como a distribuição e a popularização da arte.

Também poderá ser pertinente reter que “uma efetiva democratização cultural pode passar, não apenas pelo alargamento dos públicos – que se pode saldar numa mera expansão do mercado de bens culturais – mas num alargamento do conjunto dos criadores, no alargamento do universo dos produtores culturais” (Costa, António Firmino (1997, p.10-14). Assim como será igualmente importante um olhar sobre as relações entre Estado e sociedade civil em matéria de ação cultural. Tão em foco nos dias de hoje e de que os municípios e as coletividades são elementos fundamentais. Relações que gravitam em torno de várias políticas, sejam elas relacionadas com o património, com a própria formação de públicos, a própria sustentação da oferta cultural e outras.

Será também pertinente neste trabalho e neste ponto em concreto, deixar a ideia, ainda que de forma breve, da pertinência do debate e da reflexão sobre as relações estabelecidas entre o sector das chamadas “indústrias culturais”, tão em foco nos dias de hoje, com outros setores culturais habitualmente designados como o setor clássico ou tradicional e o setor de vanguarda ou experimental. “(...) Nesse debate, o carácter difuso da denominação industrias culturais constitui-se sempre como um obstáculo. Hoje a mesma noção, tal como a da indústria de conteúdos, agora mais em voga, continua a ser de uma duvidosa eficácia” (Lima dos Santos, 1999, p.2-6). Fica por isso a referência à pertinência de conceitos e à substância a que nos remete o paradoxo das definições, bem como a perspetiva que em qualquer circunstância se defenda. E de uma maneira ou de outra, o sentido crítico permanente, será fator fundamental e essencial, quer para se procurar entender os fenómenos e os processos, quer para se avançar no domínio da criatividade, da inovação e da permanente dinâmica que se impõe a quem é interveniente na matéria.

1.4. Relação entre cultura e economia

Outra questão igualmente pertinente e nem sempre pacífica, tem a ver com a relação entre cultura e economia. “Adam Smith e David Ricardo (1817), ct. por Matoso, 2006, p.1) chegaram à conclusão que a arte produz externalidades positivas, isto é, que arte – e de um modo geral a cultura – produz efeitos benéficos na economia de outras atividades, das quais o turismo é o caso mais evidente”.

Obviamente que nesta relação, entra muito em linha de conta a chamada “economia criativa” que nos dias de hoje domina muitos planos de orientação estratégica de desenvolvimento de vários territórios. Nas Câmaras Municipais, esse é um fator evidente, como procura de alternativas ao encerramento de atividades económicas tradicionais outrora florescentes. Daí a emergência de projetos e ferramentas económicas a serem utilizadas, numa perspetiva pioneira e inovadora, como forma de negócio, onde a criatividade é, ou procura ser, um motor económico.

“Alfred Marshall (1842-1924) descobriu que o princípio económico da utilidade marginal crescente funcionava plenamente no consumo cultural, o que significava que, ao contrário de outro tipo de consumos, os bens culturais podiam (e podem) ser consumidos sem que a satisfação diminua. “John Keynes (1883-1946) foi um dos impulsionadores das políticas públicas de financiamento às artes, incentivando também o interesse duradouro dos mecenas privados”, (Matoso, 2006, p.1).

Neste contexto, podemos equacionar se o desenvolvimento local depende muito da capacidade que os atores locais possuem para trocarem e comunicarem entre si normas e valores partilháveis. E essa é a reflexão que tantas vezes se propõe, tanto em comunidades de grande dimensão, como em concelhos de baixa densidade territorial. É certo que na chamada “Economia Criativa”, as ferramentas económicas são utilizadas em favor da cultura como forma de negócio, mas nem sempre se verifica tarefa facilitada, num mundo em constante transformação.

Naturalmente que estamos perante uma lógica que é cada vez mais incentivada junto das comunidades e sobretudo nas escolas, incluindo em muitos concursos de empreendedorismo local e regional. Todavia, há um discurso que frequentemente ganha expressão nesta matéria e que tem a ver com uma reflexão pertinente relativamente ao papel efetivo da cultura nas sociedades contemporâneas. Uma reflexão, que permita verificar até que ponto em que há uma

visão estratégica e consequente, de modo a que daí resultem resultados concretos e palpáveis. Ou seja, não pode encarar-se a atividade cultural como um luxo supérfluo, mas reconhecer-se como uma forma de desenvolvimento económico e social.

O fato do Poder Local ter adquirido uma particular visibilidade política e social e depois de ter criado vários equipamentos e valências culturais, impõe-se a implementação de novas dinâmicas consubstanciadas em objetivos estruturantes das políticas culturais municipais. Mas isso implica, necessariamente a reflexão e discussão em torno de novos conceitos que estas novas dinâmicas impõem, num mundo em constante mutação. Porque hoje não são só os grandes centros culturais das grandes cidades, os grandes detentores da programação cultural e senhores de conceitos destas temáticas. A vasta rede de complexos culturais implementados pelo país, assim como os inúmeros encontros de programadores e demais agentes, tem proporcionado renovação de conhecimentos e acentuação de ideias, suficientes para fortalecer o tecido cultural português. E tudo isso assenta, nessa enorme teia de reflexões sobre temáticas comuns, cujo epicentro é quase sempre o espetador, lado a lado com o criador.

1.5. Relação - criador / público e adesão

Reflexões que nos remetem, invariavelmente, para essa tal relação entre o criador e o público. Por isso, importa, neste ponto do trabalho, retermo-nos, nós também, nestes conceitos pertinentes, de modo a alargar-nos o lastro de visão sobre o que nos propomos. “E nada melhor do que recorrer a José Madureira Pinto, quando nos fala na preocupação permanente e mesmo “obsessiva”: a de atenuar distâncias entre a criação e a receção”, (Pinto, 1994, 1995, 1997, cit. Costa, António Firmino, 1997, p.3).

Naturalmente que a educação artística tem aqui um papel fundamental, na medida nos remete para a ligação das artes à escola, assim como pelo conjunto de métodos pedagógicos seguidos. E tanto se aplica aos chamados “produtos culturais” como aos processos de produção e criação cultural, o que designa por

“aproximação dessacralizadora à materialidade do ato de criação cultural”, pelo incentivo e revalorização de modalidades culturais institucionalmente menos prestigiadas”, idem, ibidem, p.3)

Não menos importante, é a visão de Jacques Rancière (2010), quando nos fala do espectador emancipado¹, valorizando as comunidades onde as pessoas assumem simultaneamente o papel de contadores e tradutores, ao mesmo tempo. Neste seu livro, Rancière (2010, p.22) refere que essa emancipação “(...) começa quando se põe em questão a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer, pertencem elas próprias à estrutura da dominação e da sujeição”. Na perspectiva do autor, e tendo em conta este processo de emancipação, “o espectador também age, como o aluno ou o cientista. Observa, selecciona, compara, interpreta. Liga o que vê com muitas outras coisas que viu noutros espaços cénicos e noutros géneros de lugares” (idem, ibidem, p.22).

Mas ao falarmos da relação criação / receção, falamos necessariamente do grau de adesão a esse encontro. Ou seja, do número de espectadores que adere às iniciativas.

Sobre este propósito, instala-se com frequência a discussão sobre a relação direta entre públicos e bilheteira, assim como do resultado da bilheteira e a qualidade da obra de arte, ou seja da quantidade de público e a pertinência da obra².

Naturalmente que ao longo dos tempos se tem vindo a assistir à transformação da obra de arte em mera mercadoria, nem sempre bem-sucedida, num sistema de valores absolutamente arbitrário, quer no circuito de produção quer na distribuição. Por isso, qualquer alusão à quantidade de pessoas que aderem a uma obra, pode ser precipitada e distorcer o valor artístico da mesma.

¹ “O Espectador Emancipado” reúne algumas das conferências proferidas por Jacques Rancière em universidades, museus e outros centros de arte entre 2004 e 2008. Elogio do espectáculo, no qual se incita o espectador a afirmar a sua capacidade de ver e analisar o que vê, este volume de ensaios contraria uma das mais antigas premissas da estética – a de que aquele que vê não sabe ver – para oferecer ao receptor um papel activo na compreensão da arte. Uma vez mais, a política e a arte em constante diálogo, sem jamais se confundirem.

² António Pinto Ribeiro no artigo “As Artes sempre foram, são e serão minoritárias”, publicado no jornal Público, em 12.10.2011, aborda esta questão aludindo ao fato de que nem sempre a quantidade de públicos, pouco ou nada diz, quer sobre a obra em causa, quer sobre os próprios públicos. Ribeiro destaca estes aspetos como perniciosos, permitindo manipulações a políticos e a mecenas populistas.

De notar que nas artes, a indiferença do público e dos críticos teve resultados dramáticos. O suicídio de Soares dos Reis (1847-1889), o maior escultor português do século XIX, terá sido consequência disso segundo os seus biógrafos. A sua obra só foi reconhecida após a sua morte. Caso similar aconteceu com Vicent Van Gogh (1853 – 1890), que alegadamente se suicidou por não conseguir reconhecimento público para a sua obra e essa circunstância trágica ajudou a criar a fama do artista

1.6. Valor educativo dos espaços culturais municipais

Chegados aqui, nesta já longa explanação de conceitos, que vertem, direta e indiretamente na questão central do presente trabalho, é oportuno destacar a importância do vasto lastro concetual, já que se trata de temas que confluem nesta temática dos Serviços Educativos. Ou melhor, são o vasto oceano onde mergulham também os Serviços Educativos, que são espaços sujeitos às leis da concorrência no âmbito da oferta do entretenimento e do lazer, havendo a necessidade da sua visão ter de ser suficientemente abrangente para responder às expetativas dos públicos e, simultaneamente, primar pela capacidade de sustentar uma missão pedagógica que acompanhe os novos desafios da sociedade.

Daqui se verifica “(...) o valor educativo dos espaços culturais municipais, com vista à consciencialização dos profissionais sobre as potencialidades e desafios enfrentados pela educação nas instituições culturais e seu consequente relacionamento com os públicos e comunidades a que se dirigem, bem como dos seus novos paradigmas” (Barriga; Silva, 2007, p. 9 - 16)

Por isso, é forçoso sublinhar que a instituição cultural serve as comunidades, sendo uma das suas missões a contribuição para a educação ao longo da vida, “(...) portanto, a formação cultural do indivíduo (numa perspetiva de aprendizagem não formal, construtiva e crítica), demonstrando igualmente a sua eficácia face às exigências do mercado cultural contemporâneo”. (idem, ibidem).

Neste sentido, há uma marca que se acentua, quando se regista o contributo dado neste campo de ensino informal, centrado nestas instituições e que tanto é dado pela disponibilização de conceitos, como pelos instrumentos criados, ajudando

a delinear novos paradigmas de atuação, novos pontos de partida e novas relações. Premissas que constituem um importante ponto de partida para um olhar transversal sobre a importância dos serviços educativos no desenvolvimento de novas fórmulas mais efetivas e inclusivas de relacionamento com os públicos e que em nosso entender se podem enquadrar na missão de um espaço cultural municipal, como se pretende demonstrar também no presente trabalho.

1.7. Missão da “Casa” enquanto espaço cultural municipal

Pese embora o contributo da criação do Serviço Educativo, deverá ter-se em conta a carta das boas práticas dos Teatros Municipais e as respetivas preocupações no cumprimento da missão da Casa Municipal da Cultura de Seia.

Nessa linha, temos em conta a vocação de serviço público, através de uma oferta cultural que permita o acesso de todos à cultura, direito constitucionalmente reconhecido; Uma programação cultural regular, frequente e diversificada, que abranja diferentes disciplinas artísticas e promova a interdisciplinaridade; O desenvolvimento da comunidade artística local; O incentivo à formação de espírito crítico na comunidade local; A conceção da “Casa” como espaço público, lugar de encontro e intercâmbio, espaço central na vida da cidade e referência identitária da população e o papel da Casa na construção da cidade e da cidadania, através de uma atitude atenta aos temas e problemáticas locais e globais.

Todas estas preocupações encontramos na dinâmica do dia-a-dia da Casa Municipal da Cultura, embora, umas mais acentuadas que outras e que decorrem das linhas estabelecidas pelo município, emanadas do pelouro da cultura e concretizadas pela equipa coordenada pelo programador.

Tendo em conta o território como fator diferenciador, verificamos que este equipamento está inserido numa lógica fortemente local, pelo envolvimento conseguido junto da população, mas também se destaca a sua componente nacional e internacional, sobretudo pela organização de dois ou três eventos considerados âncora, que lhe dão projeção e notoriedade, como é o caso do Festival de Cinema - Cine'Eco, do Seia Jazz & Blues e do festival de artes plásticas - ARTIS.

Esta situação, remete-nos para o modelo de gestão, que passa sobretudo pela Empresa Municipal de Cultura e Recreio – EMCR de Seia, que tem um Conselho de Administração composto por um Presidente, que é a Vereadora da Cultura, um Vereador da área financeira e um vogal, que é emanado da comunidade.

Anualmente a Empresa Municipal elabora e aprova o seu orçamento e plano, que contemplam a programação definida e elaborada pelo programador, de acordo com as orientações políticas do município. Verifica-se, neste caso que estamos perante um modelo de “liberdade criativa” do programador, cujo grau de autonomia em muito contribui para aligeirar processos burocráticos e a tirar maior rentabilidade das iniciativas desenvolvidas.

Ou seja, a Câmara Municipal, através da sua Empresa Municipal define a estratégia, mas não interfere no trabalho do programador, nem impõe escolhas próprias. No entanto, o programador elabora relatórios mensais e trimestrais das atividades desenvolvidas, além dos relatórios mais aprofundados dos eventos mais significativos que decorrem ao longo do ano. E nesses relatórios, verifica-se que, mais do que quantitativa - embora o grau de adesão das pessoas seja fator a considerar - a avaliação é feita também de forma qualitativa, isto é, tem em conta a qualidade³ e a pertinência das experiências que proporciona aos seus públicos e o grau de cumprimento dos objetivos programáticos definidos.

Cada espaço cultural municipal tem a sua personalidade e percorre o seu caminho. Em todo o caso, a Casa Municipal da Cultura, por ser o único ou o principal equipamento do concelho de Seia onde são apresentadas diversas manifestações artísticas, verifica-se pela programação desenvolvida ao longo dos anos, que trabalha para o conjunto da comunidade, dirigindo-se ao mais amplo número de pessoas, com diferentes vidas, níveis de escolaridade, idades, gostos e práticas culturais. Nessa perspetiva e de acordo com alguns artigos publicados em jornais locais e regionais⁴ cultiva uma relação de proximidade, enquanto instrumento de democratização da cultura. E se é notório, que há um conhecimento dos públicos frequentadores, há uma certa dificuldade em conhecer os públicos não frequentadores e os motivos de rejeição ou desinteresse.

³ Ter em conta que “qualidade” é um conceito ideológico, relativo e subjetivo e que só poderemos falar em qualidade após falarmos em critérios de qualidade

⁴ A título exemplificativo, ver ANEXO 2 – Artigo do Jornal Terras da Beira, Guarda de 26/01/2012

Por isso, se entende a necessidade da criação de um Serviço Educativo, uma vez que estes têm-se revelado instrumentos muito importantes na inserção dos espaços culturais na comunidade e de chamamento à prática e à fruição das artes de vários setores da população. Embora a actividade dos SE's com frequência se dirija sobretudo para o público escolar, não devem descurar todos os outros públicos, para um cabal cumprimento da missão.

Todavia, é legítimo interrogarmo-nos de que forma é que a criação do Serviço Educativo pode contribuir para reforçar a missão da Casa da Cultura?

Se a missão da Casa da Cultura é proporcionar à população um conjunto de actividades, contribuindo dessa forma, para a melhoria da sua qualidade de vida, os serviços educativos têm aqui um papel fundamental na sensibilização para as mais diversas manifestações culturais. Esta é uma visão que nos foi partilhada por Cristina Sousa, para quem a organização de visitas ou outro tipo de interações ajudará, com toda a certeza, a fidelizar públicos e a trazer pessoas para as actividades desenvolvidas pela Casa da Cultura. A Vereadora da Cultura da Câmara de Seia salienta também a este propósito, a importância do estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas e o público. "O público tem que se identificar com essas manifestações artísticas. Qualquer que seja a relação estabelecida, só haverá o seu estreitamento se houver cumplicidade e identificação com os projetos e as actividades"⁵.

Por sua vez, Sérgio Reis tem opinião de que o serviço educativo deveria desenvolver-se em duas direcções. A primeira, em articulação com as escolas, associações, instituições diversas, para permitir traçar um mapa de ocupação útil intensiva, com visitas organizadas, numa perspectiva de actividades. A segunda direcção visaria, na sua opinião, congregar individualmente o público disperso, através dos meios informáticos e da Internet, seduzindo-os para cumplicidades culturais como exposições virtuais, partilha de fotos e vídeos, na perspectiva de concursos. Para este nosso interlocutor privilegiado, o objetivo seria tornar a Casa da Cultura (e as suas actividades) mais conhecida, mais presente e com influência positiva na qualidade de vida das pessoas.

Já sobre a proximidade do público com as obras de arte, como elemento essencial da missão, Sérgio Reis estabelece um paralelo entre as vantagens do

⁵ Ver entrevista a Cristina Sousa, Vereadora da Cultura do Município de Seia - ANEXO 3

contacto direto com a obra de arte, a vivência da experiência artística e a compreensão do fenómeno artístico proporcionada por uma visita guiada ou pelo conhecimento pessoal e diálogo com os artistas. Na sua opinião, essa proximidade permite ainda dessacralizar a cultura erudita, que é vista nestes meios como coisa de elites, difícil de entender, muito séria, nada divertida, uma “seca”. O nosso interlocutor vai ao ponto de sustentar a sua preocupação no fato da maioria dos jovens, “narcotizada com futebol e música de orelha, tem essa ideia da cultura”. Cabe, por isso, em sua opinião, à escola e neste caso aos serviços educativos, promover e organizar aproximações afetivas e desmistificar esse conceito de cultura estática, aborrecida. Mesmo assim, adverte Sérgio Reis, “o problema com as escolas é que muitos professores também acham a cultura estática e “chata”. Se calhar, os serviços educativos também serão úteis para os professores”⁶.

Assim sendo, vamos percebendo a importância do trabalho do SE para o cumprimento da missão de um espaço cultural, um serviço que sensibilize e motive os diferentes públicos, para que assim, como nos refere Dina Proença, se reforce e estimule novas linguagens artísticas, reforçando-se, conseqüentemente a missão deste espaço onde se promove uma oferta cultural diversificada. Na opinião desta responsável e em jeito de conclusão, o Serviço Educativo pode, ainda, contribuir para valorizar métodos inovadores que estimulem a participação, função essencial no cumprimento da missão⁷.

⁶ Ver entrevista a Sérgio Reis - ANEXO 4

⁷ Ver entrevista a Dina Proença - ANEXO 5

IV – CONTEXTOS OPERACIONAIS E ORGANIZACIONAIS

1. Identificação de Serviços Educativos de referência

No presente trabalho, identificamos de forma sucinta o trabalho desenvolvido pelos Serviços Educativos de 4 centros culturais de referência, fugindo à ideia da comparação com estruturas da dimensão da Casa da Cultura de Seia. Uma opção que resulta do fato de se procurar seguir parâmetros sustentados em boas práticas, de cujo trabalho, resulta a concretização de objetivos concretos. Uma identificação que é feita à luz das questões colocadas às responsáveis destes serviços e de que damos conta no presente trabalho.

Assim, identificamos como referência os Serviços Educativos do Centro Cultural de Belém (CCB), da Fundação de Serralves, do Centro Cultural Vila Flor (CCVF), de Guimarães e do Teatro Nacional São João (TNSJ), no Porto.

1.1. CCB – Fábrica das Artes⁸

No Centro Cultural de Belém (CCB), o projeto designa-se “Fábrica das Artes” e constitui-se como um espaço de programação vocacionado para públicos de todas as idades. Ali são desenvolvidas e concebidas actividades no âmbito das artes performativas em dois eixos principais: espetáculos e oficinas. Durante a semana verifica-se um abrir de portas à comunidade escolar e ao fim de semana a programação é dirigida a crianças e às suas famílias. A programação apresentada é abrangente, alargando a oferta de oficinas e espetáculos para os mais pequenos. Outra nota a realçar, é o fato da *“Fábrica das Artes” não esquecer os artistas, que vai desafiando a criar e a aproximar, em conjunto com as pessoas da casa, a arte das pessoas de todas as idades*, como refere Madalena Wallenstein, Coordenadora do Centro de Pedagogia de Animação.⁹

O CCB/Fábrica das Artes integra na sua missão, através da programação que propõe, a responsabilidade de propor desafios aos artistas, proporcionando-lhes condições para desenvolver projetos de criação na área das linguagens

⁸ O que é a Fábrica das Artes - Ver ANEXO 6

⁹ Entrevista não estruturada/Depoimento Artístico-Pedagógico de Madalena Wallenstein - Ver ANEXO 7

performativas, (sejam espectáculos ou oficinas), que estreiam no CCB e que, através da sua divulgação, esses espectáculos ali nascidos, encontram itinerâncias próprias no cenário dos serviços educativos a nível nacional.

Segundo Madalena Wallenstein, os desafios propostos têm sempre em consideração uma análise das áreas onde é necessário fazer um investimento, valorizando as abordagens artístico pedagógicas inovadoras e que acrescentem novos horizontes, contribuindo para oferecer vivências mais poéticas, que estimulam um pensamento mais uno de todas as capacidades humanas, que invistam num pensamento divergente e criativo através de formatos que possam aproximar o público dos artistas e das suas propostas, (seja com conversas após a apresentação de espetáculo, seja através da vivência de percursos com livre escolha).

O CCB/ Fábrica das Artes oferece também propostas de formação e de experiências dirigidas a professores e orientadas pelos artistas a partir dos seus projetos, tendo como objetivo a vivência artísticas e a aquisição de ferramentas pedagógicas a ser utilizadas nos mais variados contextos educativos

1.2. Serviço Educativo da Oficina / CCVF (Guimarães)¹⁰

O Serviço Educativo da Oficina do Centro Cultural Vila Flor (CCVF) de Guimarães, nasceu em Janeiro de 2006 no âmbito do trabalho desenvolvido pela Oficina daquele Centro Cultural. Na altura, os responsáveis elaboraram um Manifesto que define as suas principais orientações e parâmetros de acção. Onde se diz claramente que não se trata de um serviço, mas de uma missão. Que este não é uma escola, mas um lugar onde se aprende, onde se fazem perguntas, com respostas que também são perguntas. Que não é um ATL, mas onde se ocupa o tempo, entre outras considerações pertinentes, que inscrevem uma marca própria de aproximação das pessoas com as várias formas criativas.

No manifesto há igualmente referência aos artistas e ao seu trabalho: “O trabalho dos artistas é olhar para as coisas e inventar nomes para elas e trocar os nomes de umas coisas por outras. O trabalho dos artistas é fazer da mesma língua, línguas novas. O trabalho dos artistas é trocar o medo por um arrepio que

¹⁰ Projeto da criação do Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor de Guimarães - Ver ANEXO 8

nos desamarra da banalidade e nos impulsiona para o desconhecido. Os artistas também são pessoas e as pessoas também são artistas”.

Por último, o manifesto faz referência à identidade local e à necessidade de valorização da cultura local e da participação das pessoas enquanto elementos essenciais do projeto.

Apesar das especificidades características dos diferentes públicos, percebe-se que o Serviço Educativo do CCVF funciona como uma valência que pretende atingir públicos “virgens”, de alguma forma não familiarizados com as distintas expressões artísticas e com particularidades que devem ser tomadas em conta.

Elizabete Paiva, Coordenadora do Serviço Educativo, questionada se o SE pode proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos¹¹, disse-nos claramente que sim, desde que haja exigência e rigor quanto às formas de contato que propõe com os públicos, - não sendo um tradutor, mas um veículo de encontro e de confronto. Adequando as propostas às diferentes populações, comunidades, públicos a que se destina, mas sem infantilizar, sem repetir fórmulas “para as escolas”, “para os velinhos”, etc. e sem pretender escamotear que os objetos artísticos são, à partida, “objetos estranhos, corpos, formas, pensamentos que nos desafiam, provocam, retiram da zona de conforto, fazem-nos descobrir o outro lado do que já conhecíamos”... Se um serviço educativo quiser fazer um bom trabalho neste sentido deve, na ótica desta responsável, respeitar a natureza das manifestações artísticas e desafiar os públicos a serem igualmente livres no modo como interpretam e se relacionam com estas manifestações.

Para Elizabete Paiva, o serviço educativo, pode, no entanto, ser um espaço privilegiado para a experiência das práticas artísticas, ou seja, do fazer, e o fazer, sem dúvida, aproxima as pessoas das manifestações artísticas. Estas passam a fazer parte das suas experiências, parte do seu quotidiano, passam a ser tangíveis e passíveis de se relacionar com o mundo que nos rodeia, em vez de permanecerem formas abstratas e sacralizadas. E do que se percebe, é isso mesmo que acontece na prática corrente do Serviço Educativo do CCVF.

¹¹ Questionário informal a Elizabete Paiva, Coordenadora do Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor, Guimarães - Ver ANEXO 9

1.3. Serviço Educativo da Fundação de Serralves¹²

A programação do Serviço Educativo da Fundação de Serralves aposta numa relação de crescente cumplicidade com a comunidade, num campo alargado de possibilidades de ação, capaz de envolver diferentes públicos e contextos, através de parcerias com escolas, universidades, associações, entre outras instituições.

Os processos de trabalho desenvolvidos são abertos e flexíveis, estimulam o pensamento, a criatividade, valorizam uma aprendizagem reflexiva, dialógica e potencialmente transformadora.

Daquilo que se pode observar, verifica-se que se trata de um SE que propõe com frequência novas formas de participação cultural, na perspectiva de uma partilha de curiosidades, de conhecimentos e de afetos, em abordagens transversais às temáticas da arte, da arquitectura, do ambiente e da cidadania.

Para Margarida Saraiva, Coordenadora do SE de Serralves,¹³ a criação de novos públicos depende bastante do trabalho feito pelos espaços culturais e também da capacidade de marketing. Há museus que não têm direcção de marketing. Serralves tem. A formação de públicos é um trabalho conjunto e não tem só a ver com o serviço educativo. Tem uma dimensão que está muito relacionada com a programação do Museu. Por isso, não é responsabilidade exclusiva do serviço educativo.

Na perspetiva desta responsável, a programação de Serralves não acaba com a sua apresentação. Por exemplo, as exposições que ali são feitas, acabam por ter um conjunto de formas de comunicação, desde os textos que estão nas paredes, até aos roteiros das exposições, até às visitas multimédia. No fundo, são tudo formas que encontraram e que utilizam para uma melhor aproximação às pessoas e para estreitar a relação que se estabelece entre cada um dos visitantes e a obra de arte em si. Depois há outros programas que têm uma aproximação mais direta e que é feita com os monitores do museu. Há 20 monitores – guias a trabalhar no serviço educativo na parte das artes, porque este serviço é dividido em dois – uma parte de ambiente e uma parte de artes. Fazem também um trabalho de acompanhamento

¹² O Programa Educativo de Serralves - Ver ANEXO 10

¹³ Questionário informal a Margarida Saraiva, Coordenadora do Serviço Educativo de Serralves - Ver ANEXO 11

promovendo uma grande proximidade com o público em geral, tanto com escolas e universidades, como com o público que visita sem ser através de grupos organizados.

Em Serralves há uma programação que é paralela às exposições. Há também um programa “Famílias” que decorre todo o ano e que pontualmente, ao longo do ano, também se liga às exposições e à celebração de certos dias especiais, como por exemplo o Dia Internacional do Livro, o Dia da Mãe, o Dia do Pai, etc., e isso não tem nada a ver com as exposições. Há também a programação das festas do “Outono”, “Serralves em Festa” e o “Natal em Serralves” que são ocasiões em que há igualmente uma programação educativa que não parte das exposições, mas que está ligada àquela estação do ano em particular. Há ainda um programa “ARTES” que é composto por um conjunto de workshops e seminários que também são em certa medida independentes das exposições da programação.

1.4. Serviço Educativo do Teatro Nacional São João (TNSJ)¹⁴

Os projetos educativos do Teatro Nacional S. João são elaborados a partir da programação que integra o Teatro S. João, o Teatro Carlos Alberto e o Mosteiro de São Bento da Vitória.

Captar e contribuir para a formação de novos públicos, aprofundar a experiência teatral por parte de todos os públicos com especial incidência nas comunidades escolares, sensibilizar o gosto pelo teatro são os objetivos dos projetos educativos do TNSJ, no âmbito da sua missão de serviço público.

Com o objetivo de aproximação da comunidade escolar com os projetos artísticos e pedagógicos do TNSJ, foi criado o programa “Embaixador” - dirigido aos professores que se assumem como interlocutores junto de grupos de alunos que dinamizam as deslocações das escolas aos espetáculos do Teatro Nacional S. João, Teatro Carlos Alberto e Mosteiro de S. Bento da Vitória. Os serviços fornecem aos professores/Embaixadores TNSJ condições de acesso privilegiadas aos espetáculos - informações, cadernos pedagógicos, acesso a ensaios, conversas

¹⁴ Projeto Educativo do TNSJ - Ver ANEXO 12

com criadores e intérpretes, visitas guiadas ao TNSJ e visitas dos intérpretes às escolas.

Ao longo das temporadas, são desenvolvidas várias iniciativas dirigidas às comunidades escolares de que se salienta: frequência dos espetáculos; masterclasses com os encenadores – os alunos das escolas de teatro e do ensino secundário e professores são convocados para uma masterclass com o encenador do espetáculo onde são abordadas questões sobre a construção do espetáculo e Encontros com os criadores – conversas informais com os elencos e criadores dos espetáculos do TNSJ de grupos de alunos após a visualização do espetáculo.

Os serviços dispõem ainda do Projeto “Escolas no Teatro”, que assenta na interação dos universos escolar e teatral. Ao longo do ano lectivo, é proposto às comunidades escolares que invistam a experiência adquirida com a frequência dos espetáculos na realização de projetos de expressão plástica ou escrita, que serão depois objeto de uma exposição num dos espaços do TNSJ. Com este projeto, os responsáveis pretendem estimular a utilização do TNSJ enquanto instrumento de enriquecimento das práticas pedagógicas desenvolvidas em cada escola. Para além de assistirem ao/s espetáculo/s que escolheram como mote para o trabalho a desenvolver na escola, os alunos participam em visitas guiadas, recebem visitas nas escolas, fotografam e filmam ensaios.

Luísa Corte-Real, Relações Públicas do TNSJ¹⁵ considera a este propósito que os alunos devem sair da escola para vivenciarem manifestações artísticas no seio das comunidades em que estão inseridos. Para esta responsável, um espetáculo de teatro deve ser visto numa sala de espetáculos, um quadro no museu ou na galeria de arte, daí a importância da deslocação organizada das escolas aos espaços.

¹⁵ Questionário informal a Margarida Corte-Real, Relações Públicas do Teatro Nacional São João - Ver ANEXO 13

2. Fatores diferenciadores

Ao propor-se a criação de um Serviço Educativo numa Casa de Cultura que pretende criar novos públicos, associado ao fato do respetivo município apostar há vários anos numa programação estruturada, planeada e diversificada, evidentemente que importa destacar um conjunto de fatores associadas e que entroncam nestas definições e conceitos.

Por isso, o conjunto de valências que temos vindo a desenvolver até aqui, servem de suporte à proposta que pretendemos efetuar, de modo a ancorá-la de fundamentos teóricos que circundam o tema em toda a sua dimensão, bem como outros de natureza prática, inspiradores para uma ação atinente a um trabalho profícuo.

Naturalmente que na definição de conceitos, no quadro da animação artística de que se vem falando aos diferentes níveis, para desenvolver no seio da Casa da Cultura, há fatores diferenciadores que também devem ser considerados, de acordo com o conjunto de boas práticas inerentes a um complexo desta natureza. O conhecimento do território e a caracterização da população da área no qual o equipamento está inserido, são também fatores determinantes no reforço da definição da missão, nomeadamente no que respeita ao grau de desenvolvimento da actividade cultural local e à caracterização da comunidade artística local ¹⁶.

2.1. Despesas com cultura

Nesta linha de análise à circunstância local em matéria cultural, um dos pontos que importa ter em conta, ainda que de forma sucinta, é aquele que tem a ver com as despesas com a cultura. Segundo o Plano estratégico “Seia 2020” (CEDRU, 2009), mandado elaborar pelo Município de Seia, as despesas da autarquia senense neste setor têm registado acentuadas oscilações, pois se entre 2003 e 2004 aumentaram 20,3%, entre 2004 e 2005, registaram um decréscimo de 23,0%. Não obstante estas variações, em 2005, Seia encontrava-se entre os 25 concelhos da Região Centro com maior volume financeiro dispendido para efeitos de

¹⁶ Caraterização da população e território - Ver ANEXO 14

cultura (2.410 milhares de euros), registando o maior investimento no contexto da Serra da Estrela (Fornos de Algodres, 1.512 milhares de euros e Gouveia, 1.863 milhares de euros).

Na consulta aos vários Planos de Atividades do município dos últimos anos, registamos com frequência a ênfase colocada no investimento cultural, como fator estratégico de desenvolvimento, o que explica o conjunto de equipamentos construídos e ações desenvolvidas ao longo dos últimos anos a este nível.

2.2. Equipamentos culturais

A rede de equipamentos culturais de Seia estrutura-se em três grandes domínios: equipamentos de exposição e consulta, equipamentos de espetáculo e equipamentos comunitários. Independentemente do tipo de equipamentos, verifica-se que escassas são as freguesias que não dispõem de nenhum equipamento, ainda que se verifique uma acentuada concentração nas freguesias de Seia e de São Romão. No âmbito desta rede, há 7 equipamentos que importa destacar, quer pela projeção concelhia promovida e subsequente atração de visitantes, quer pela centralidade que assumem na programação cultural concelhia.

2.2.1. Casa Municipal da Cultura

A Casa Municipal da Cultura, situada no centro da cidade, é um equipamento polivalente, com um Cineteatro com capacidade para 345 pessoas, auditório para 150 pessoas, Galerias Municipais e Espaço Internet, a funcionar na sua plenitude desde 1995. Um equipamento dotado de recursos humanos próprios, com atribuições específicas e com acumulação de responsabilidades: programação, gestão, comunicação, bilheteira, e frente de casa. Tem uma programação diversificada, estruturada e de qualidade, o que lhe confere o estatuto de verdadeiro “centro cultural do concelho de Seia”. Segundo a imprensa local¹⁷ e citando um comunicado do município “a Casa Municipal da Cultura de Seia registou no ano de 2011, um total de 36.728 entradas em mais de duas centenas de iniciativas e eventos realizados”.

¹⁷ Jornal Porta da Estrela, de Seia, edição de 31/01/2012

2.2.2. Biblioteca Municipal

A Biblioteca Municipal, que entrou em funcionamento em 1993, situa-se em pleno centro histórico da cidade e apresenta atualmente uma vasta oferta cultural, destacando-se o espólio documental de livros e em formato audiovisual. Entre 2003 e 2006, o número de utilizadores manifestou-se muito oscilante, embora se esboce uma tendência de crescimento (variação de 9%). A Biblioteca realiza anualmente uma Feira do Livro na Casa Municipal da Cultura, no quadro das atividades do município, a qual contempla várias actividades direccionadas para as crianças e famílias.

2.2.3. Arquivo Municipal

O Arquivo Municipal, que foi criado em 1994, tem como finalidade central a preservação, inventariação e estudo dos documentos de interesse municipal, disponibilizando um espólio arquivístico informatizado. Entre 2002 e 2006, registou um crescimento significativo e contínuo de utilizadores, tendo passado de 495 para 2.643 utilizadores, respetivamente. O Arquivo organiza anualmente em Novembro, na Casa Municipal da Cultura as chamadas Jornadas Históricas do Concelho, que atrai à cidade mais de 200 pessoas de todo o país. Para além desta iniciativa, o Arquivo proporciona visitas guiadas pelo centro histórico e organiza esporadicamente exposições na Casa da Cultura, num espírito de parceria.

2.2.4. Museu do Brinquedo

O Museu do Brinquedo, instalado no antigo solar de Santa Rita, é um equipamento museológico que reúne uma vasta coletânea de brinquedos portugueses e internacionais, de diferentes épocas. Inaugurado em 2002, tem exposições temporárias e itinerantes alusivas a temáticas diversificadas. Entre 2002 e 2006, teve um acréscimo de visitantes de 77,4%, atingindo em 2006, os 31.878 visitantes, o que lhe permite consolidar-se como um importante pólo atrativo do concelho, conforme se lê em vários suportes promocionais do município.

2.2.5. Museu Natural da Electricidade

O Museu Natural da Electricidade, que foi inaugurado pelo Município de Seia no dia 11 de Abril de 2011, é um espaço museológico que nasce a partir da centenária Central da Senhora do Desterro, e que pretende divulgar o património tecnológico, natural, social e cultural que lhe está associado.

2.2.6. Ludoteca Municipal

A Ludoteca Municipal, que funcionou desde 1994 nas instalações da Biblioteca Municipal de Seia, está agora instalada em modernas e amplas instalações da antiga casa dos Magistrados, tendo esta inauguração ocorrido em 21 de Dezembro de 2010. Trata-se de um espaço destinado a crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos, em que “a atividade lúdica abraça e se entrelaça com a atividade educativo/pedagógica, oferecendo tempo, espaço, recursos humanos e materiais, onde a criança pode escolher e desenvolver interesses individuais e de grupo” (CMS, 2010).

2.2.7. CISE – Centro de Interpretação da Serra da Estrela

O Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE) é uma estrutura do Município de Seia, criada em 2000, vocacionada para a promoção do conhecimento e divulgação do património ambiental da serra da Estrela.

Sedeado numa quinta no centro de Seia, o CISE apresenta um conjunto de espaços e equipamentos multivalente que o convertem num local modelar para o desenvolvimento de atividades de educação e divulgação ambiental, promoção turística e investigação e um ponto privilegiado para partir à descoberta da serra da Estrela.

2.3. Colectividades de Cultura e Recreio

Nesta descrição sumária, cabe também uma referência à existência de mais de 100 colectividades, de natureza eminentemente cultural. Estas agrupam-se em três grandes tipologias: bandas filarmónicas (7), ranchos folclóricos 5 (dos quais 3 são federados), grupos de cantares (3) e orfeões (2), sendo considerados parceiros importantes na preservação e valorização do património etnográfico concelhio.

As associações registam uma repartição territorial diferenciada em função da sua natureza, enquanto que, as de base cultural e recreativa têm um padrão locativo marcado pela dispersão, as de base cultural e desportiva caracterizam-se por uma acentuada concentração na sede de concelho e freguesias circundantes, não obstante, destas últimas serem quantitativamente mais numerosas.

Podemos ainda referenciar neste capítulo, a existência de mais de 3 dezenas de Instituições de Solidariedade Social (IPSS), que pontualmente também contribuem para a dinamização de atividades de índole cultural e recreativo, com envolvimento da comunidade. De entre elas destacam-se a Academia Sénior que tem um vasto programa de animação e aprendizagem para as pessoas aposentadas do concelho de Seia e a Casa de Santa Isabel, uma instituição de apoio a deficientes.

IV – PROJETO DE AÇÃO

1. Metodologia

Na linha do pensamento de Quivy (1998), procura-se neste trabalho, escolher os métodos mais adequados, que desse modo permitam apreender melhor a realidade em análise. Por isso, a escolha do método recai sobretudo na especificidade do nosso objeto de estudo e nas hipóteses de trabalho, que poderão ser refutadas ou não.

Toda a investigação sistemática começa com um problema. Escolher e enunciar um problema é um dos aspetos mais importantes da prática da investigação, pelo que não é possível começar uma investigação enquanto o problema não for identificado, analisado e definido de uma maneira operacional.

Quivy e Campenhoudt (1992, p. 32 e ss) referem algumas características essenciais de uma boa pergunta de partida: “as qualidades da clareza (precisa, concisa e unívoca); as qualidades da exequibilidade (realista, adequada aos recursos pessoais, materiais e técnicos do investigador e viável); as qualidades da pertinência (ser uma verdadeira pergunta, ter uma intenção compreensiva ou explicativa, não ser moralizadora, especulativa ou filosófica).”

Em geral, um investigador seleciona o assunto ou uma questão geral prévia, num domínio que lhe suscite particular interesse e a partir daí consolida a sua metodologia. E nesse contexto, o plano de investigação / ação desenvolvido, assenta na análise documental e respetiva pesquisa bibliográfica, bem como na realização de entrevistas a informantes privilegiados e a análise de projetos parecidos / paralelos ao que se pretende apresentar.

Como se constata, trata-se da leitura de inúmeros textos relacionados com políticas de desenvolvimento cultural no nosso país e sobretudo em regiões de dimensão média, como é o caso do concelho de Seia. Investigação literária que passa igualmente por textos produzidos por vários actores das áreas da programação e da criação, bem como de estudiosos e coordenadores de serviços educativos de museus e outros espaços culturais.

A mesma pesquisa conduz aos vários manuais de boas práticas implementadas neste domínio, e a estudos relevantes, quer de políticas culturais em geral, quer de casos concretos de serviços educativos a funcionar.

Por isso, dialogámos com as responsáveis de 4 Serviços Educativos de referência no nosso país, que de uma forma aberta e de grande espontaneidade se dispuseram a responder a algumas questões que colocamos e nos permitiram o acesso à documentação relativa aos seus projetos e linhas orientadoras. O fato de termos colocado algumas questões informais às nossas interlocutoras, que nos responderam por escrito, foi na perspetiva de aprofundar mais conhecimentos sobre as dinâmicas dos serviços educativos em geral, aproveitando a experiência de cada uma. Ou seja, sem colidir com a metodologia científica seguida e mais adiante explicada; mas apenas para alargar o nosso campo de visão reflexiva.

Neste sentido, julgamos que o conjunto da amostra de 4 Serviços Educativos e opiniões emitidas por colaboradores dos mesmos são suficientes, para podermos retirar reflexões e ensinamentos suficientemente capazes de valorizar as propostas que fazemos, estabelecendo simultaneamente pontes para o projeto que pretendemos implementar.

Além de que são projetos de referência – um da capital do país, dois do Porto, embora com posicionamentos diferentes e outro de Guimarães, que neste ano de 2012 é Capital Europeia da Cultura.

Simultaneamente, optámos no presente trabalho, pela análise qualitativa, que inclui a realização de entrevistas exploratórias¹⁸, semi-diretivas. Assentes na ideia de que a entrevista exploratória é “uma técnica preciosa, (...) que possibilita a descoberta dos contactos humanos mais ricos para o investigador”, (Quivy, 1998, p. 68).

Por isso, efetuámos 3 entrevistas, que em nossa opinião são consideradas suficientes para a amostra de opiniões, a Cristina Sousa¹⁹, a Dina Proença²⁰ e a

¹⁸ Ver guião de entrevista – ANEXO 1

¹⁹ Vice-Presidente da Câmara Municipal de Seia e Vereadora do Pelouro da Cultura no mandato de 2009-2013 e Presidente do Conselho de Administração da Empresa Municipal de Cultura e Recreio de Seia no triénio 2010-2013.

²⁰ Chefe de Departamento da Cultura, Educação, Desporto, Turismo e Saúde da Câmara Municipal de Seia

Sérgio Reis²¹, por serem pessoas de Seia ligadas à atividade cultural do município e da comunidade e pedras chave neste contexto de dinâmica cultural. Ou seja, são testemunhas privilegiadas, pela sua posição, ação e responsabilidades, além de possuírem um bom conhecimento da realidade, conforme recomenda Quivy, (idem, p. 68).

Nas entrevistas exploratórias semi-diretivas, procurámos seguir por uma série de perguntas guias e procurámos, na qualidade de entrevistador, “deixar andar” dentro do possível o entrevistado, de forma natural. E assim, fomos construindo as entrevistas exploratórias, dando passos para construir com o maior grau de segurança, um instrumento de apreensão do objeto a que nos propomos construir.

No fundo, pretende-se alargar pistas de reflexão, com base nas entrevistas, de modo a os nossos horizontes de conhecimento sobre esta temática e assim conhecermos melhor toda a dimensão da problemática equacionada.

Todavia, também é oportuno ter presente “a análise de conteúdo de mensagens tem duas funções: uma função heurística, na medida em que a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta, que mais não é do que a análise de conteúdo para ‘*ver o que dá*’; e uma função de administração da prova, que permite formular hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de directrizes, apelando para o método de análise sistemática, no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação, que mais não é do que a análise de conteúdo para ‘*servir de prova*’²²”, (Bardin, 1977, p. 42).

Logo, a pergunta que coloco à partida, e que considero mais pertinente para o trabalho que apresento, vai no sentido de saber porque é que é importante a existência de um Serviço Educativo na Casa Municipal da Cultura? Uma questão pertinente, que cruza com outras questões que colocámos igualmente às responsáveis dos serviços Educativos do CCB – Fábrica das Artes (Lisboa), Museu de Serralves (Porto), Teatro Nacional de São João (Porto) e Centro Cultural Vila Flor (Guimarães).

²¹ Artista plástico que nasceu em Lisboa em 1958 e que reside em Seia. Formado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (actual FBAUP) é Professor do Ensino Básico e Secundário desde 1980. Possui um vasto currículo artístico, que incluem inúmeras exposições de pintura, organização de eventos culturais, prémios e distinções, entre elas a Campânula de Mérito Cultural do Concelho de Seia em Julho de 2008.

²² Em resumo, podemos dizer que a investigação é um processo de descobrir respostas para perguntas e de um modo muito simplificado, teremos sempre de considerar as várias etapas no desenvolvimento de uma investigação.

2. Análise das entrevistas

Preparando-nos para entrar no projeto de ação propriamente dito, é por assim dizer, oportuno, mergulhar na análise das entrevistas recolhidas, de modo a procurarmos estabelecer pontes entre aquilo que ouvimos e o que pretendemos executar. De modo a que os pontos de vista dos nossos interlocutores possam valorizar o serviço que se pretende criar e as ações a desenvolver a partir daí. Uma análise tão profunda, quanto mais nos levar ao encontro de questões para as quais procuramos respostas e que afinal serão determinantes para o êxito do nosso trabalho.

Nessa perspetiva, afigura-se pertinente, não descurar a questão, a nosso ver determinante - a retirar das respostas dadas por aqueles que consideramos 'personalidades privilegiadas no meio' - que é o papel do Serviço Educativo na formação de novos públicos. Uma questão de tal ordem fulcral que exigirá necessariamente a constituição de espaços para a reflexão e atuação dos profissionais competentes na área da animação artística, que neste caso do projeto de Seia, já se encontram ao serviço do município.

Feitas estas considerações, impõe-se igualmente a necessidade de extrair das entrevistas, definições, linhas orientadoras e formas de atuação, para a estruturação e gestão deste projeto, que se quer coerente e que responda aos desafios quotidianos do respetivo serviço educativo. Que atividades educativas se podem oferecer aos públicos de todas as idades? Quais são os públicos-alvo, reais e potenciais? Quais as suas expectativas e necessidades? Que parcerias são necessárias estabelecer para qualificar a oferta educativa? Como planificar uma rede de contatos? Como incrementar os escassos recursos? Como é que o projeto educativo poderá ser avaliado e potenciado? Que metas? Que objetivos? Que estratégias?

Só assim será assegurada a desejável articulação entre um enquadramento estratégico e uma planificação eficaz, suficientemente capaz de demonstrar a sua eficácia face às exigências que se colocam.

A tónica, obviamente que é colocada na necessidade de definir as competências do serviço educativo, num período determinado, configurando metas sustentáveis decorrentes da reflexão conjunta no seio da instituição que o promove, particularmente da equipa do serviço educativo, que executará as respetivas

atividades na Casa da Cultura. Ressalvamos no entanto que, as diferentes fases deste processo (desde a pesquisa à avaliação), julgamos que estão perfeitamente espelhadas no presente trabalho e devidamente identificadas, o que facilita a aplicabilidade do modelo, tendo em consideração a vocação da “Casa”.

Convém, por isso, sublinhar a importância das pessoas, enquanto elementos ativos na construção do seu conhecimento, sobretudo neste enquadramento dos espaços culturais, cujo papel é fundamental no cumprimento deste desafio. Como também não pode ser esquecido o grau de importância destes equipamentos, como instrumentos para a criação de espaços democráticos e inclusivos de acesso, construção e debate do saber, onde se cumpre essa tal dupla função de responder às exigências de lazer e fruição da sociedade de consumo contemporânea.

Ou seja, neste domínio da animação artística, é premente a relação de cumplicidade com a comunidade, num campo alargado de possibilidades de ação, capaz de envolver diferentes públicos, através de parcerias com escolas, associações e outras entidades. E nessa medida, convém equacionar se os processos de trabalho desenvolvidos deverão ser abertos e flexíveis, condição, a nosso ver essencial ao estímulo do pensamento, à criatividade e valorização da aprendizagem reflexiva, de diálogo e de transformação. E se a existência de um serviço educativo contribui efetivamente para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

Na opinião de Cristina Sousa, o objetivo final será esse, mas para o alcançar, considera que há um caminho próprio a percorrer. Na sua ótica, o público tem que se identificar com essas manifestações artísticas e qualquer que seja a relação estabelecida, só haverá o seu estreitamento se houver cumplicidade e identificação com os projetos e as atividades.

Por sua vez Dina Proença destaca a este propósito a importância do serviço educativo como forma de “quebrar algum gelo, para diminuir distâncias” na medida em que, considera que assim, as pessoas, o público, passam a sentir as manifestações culturais de forma mais intimista, abandonando uma certa passividade.

Nesta linha, é igualmente premente, equacionar se pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes, para que se parta para a ação propriamente dita. Sérgio Reis refere-nos que essas pessoas

compreendem a importância das artes, a sua função na sociedade ao longo da história e na atualidade, entendem as ligações e correspondências que as artes estabelecem entre os mais diversos elementos da estrutura cultural, valorizam as manifestações artísticas e estão mais atentas aos fenômenos artísticos, dispõem de ferramentas conceituais e práticas importantes para se envolverem diretamente e condicionarem positivamente os resultados. Logo, terão mais apetência para se envolverem em atividades da área artística, embora considere que poucos o fazem efetivamente: devido a outros interesses prioritários e excesso de solicitações; baixas expectativas sobre o nível das realizações (preferindo procurar outros destinos); individualismo, desconfiança em relação à seriedade institucional; sensação de inutilidade dos esforços face ao alheamento social, especialmente hoje, quando o afastamento de alguns dogmas e cânones permitem estudar a cultura do passado pelos mais diversos ângulos e reinterpretá-la e no momento em que os meios tecnológicos de acesso à cultura e de construção cultural têm baralhado o conceito tradicional de cultura e individualizado a relação do indivíduo com a cultura.

Entretanto, Dina Proença alude ao fato de se confundir o ‘participar’ com o ‘assistir’, quando, na verdade, são coisas distintas. “O assistir, o olhar, o ser não é o que mais importa, devemos valorizar o conhecer, o ver, o fazer”. A este propósito, esta responsável do Departamento de Cultura do Município de Seia interroga-se também sobre o tipo de informação de que se fala, na medida em que “uma informação “de massas”, nesta sociedade e nos dias de hoje quase que “deseduca”, não ajuda à reflexão, à construção, à compreensão...”.

Partindo destes pontos de vista, poderemos então interrogar-nos se essas pessoas devem ser envolvidas, num processo de valorização das suas competências e participação?

Naturalmente que será esse exercício que procuraremos fazer nos próximos capítulos deste trabalho, quando nos propomos melhorar um conjunto de atividades já existentes e incrementar outras, num quadro de inovação, de aproveitamento de sinergias e suficientemente dinâmicas.

Nesse sentido, o Serviço Educativo da Casa Municipal da Cultura de Seia, procurará, através das atividades adiante designadas, num quadro de animação artística, desenvolvendo novas estratégias de relacionamento com os públicos,

assumindo esse tal papel de interface de comunicação com as pessoas, na construção de saberes e no estabelecimento de relações que se pretendem duradouras. Não esquecendo, contudo, essa premente necessidade de desenvolver em simultâneo, lógicas de cidadania activa, assentes, obviamente, na permanente atualização de repertórios.

Continuando a recorrer à análise dos dados resultantes das entrevistas aos nossos interlocutores, retemos a afirmação de Sérgio Reis, quando destaca o fato de estarmos perante uma forma de se dinamizar o espaço, promovê-lo com protagonismo, criar laços afetivos com o espaço cultural “tornando-o mais próximo e mesmo parte da vida das pessoas, através da frequência repetida dos eventos e atividades, e da criação de boas memórias (fotografia do visitante, fotografias de grupo, folhetos/ desdobráveis/ catálogos, livros de mensagens, etc.)”. Nesse sentido, sublinha que o SE acabará por oferecer um conjunto de atividades que se revelem úteis, alargando a vontade de se repetirem.

Dina Proença também acha importante a existência deste SE, porque na sua ótica, proporciona experiências, conhecimento e prazer às pessoas que o frequentam, além de estabelecer relações e de assumir uma dimensão social, permanecendo aberto a grupos socioculturais distintos.

Cristina Sousa, coloca a ênfase na criação de novos públicos a partir do trabalho desenvolvido pelo serviço educativo instado na casa da cultura. Refere ainda que muito desse trabalho já está feito, faltando apenas sistematiza-lo e incutir nos diversos atores a necessidade de trabalharem segundo a mesma linha condutora.

Deste modo e a avaliar pelas respostas dos nossos interlocutores, poderemos concluir que é unânime a ideia de que a criação de um Serviço Educativo na Casa da Cultura é importante e justifica-se, com a vantagem de haver já trabalho feito, podendo por isso “seguir-se uma mesma linha condutora”, como refere Cristina Sousa.

Mas, será também legítimo questionar se a criação de novos públicos no domínio da animação artística depende muito do trabalho do serviço educativo?

Cristina Sousa começa por abordar a complexidade e morosidade do processo, num trabalho que em sua opinião é árduo e feito de avanços e recuos.

Dentro de uma linha de algum pragmatismo, sustenta que os públicos necessitam de ser trabalhados, não só na sensibilização para as diversas ações que se vão realizando, mas também na tentativa de os abrir a novas manifestações. Este trabalho tem que ser sistemático, e pode e deve ser feito pelos serviços educativos.

Dina Proença não partilha da ideia de que “depende muito”, antes prefere dizer que “depende sempre”. Ou seja, se se entender os Serviços Educativos como territórios de participação que promovem momentos de reflexão, de construção de conhecimentos, entende que trarão inevitavelmente novos públicos. E vai mais longe, sublinhando que se o Serviço Educativo estiver enquadrado na linha de orientação do Município, pode ter um papel importante, trabalhando estratégias de comunicação, criando grupos de amigos e estabelecendo parcerias.

Entretanto Sérgio Reis faz questão de dizer a este propósito que a criação de públicos não depende da congregação de gostos, “especialmente nestes tempos de individualismos, de ditadura económica e gritaria publicitária. Depende da conjugação de interesses e dos hábitos culturais que se valorizam, promovem e fomentam”.

É na procura de respostas – a estas e a tantas outras - que seguimos o nosso método de trabalho, incluindo igualmente o enquadramento dos levantamentos feitos, para dar sustentação às propostas de ação e procurar dar solidez às hipóteses formuladas.

Não será demais, por isso, formular algumas hipóteses que nos remetam para uma melhor compreensão dos propósitos do presente projeto e assim dar solidez à ideia de que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio da animação artística. Num primeiro momento, partilhamos da convicção de que os serviços educativos têm essa função de permitir a quem deles usufrui, a possibilidade de sentir e vivenciar novas experiências, trabalhar novas formas e conceitos, permitindo vivências únicas e abrir novos horizontes às pessoas que nelas participam.

Sérgio Reis sustenta a este propósito que a um determinado nível, a experiência estética oferece a possibilidade de “confrontarmos os nossos ideais com as novas propostas artísticas, de questionarmos as nossas certezas e procurarmos dentro de nós, novos sentidos, novos caminhos”.

Naturalmente que, se o Serviço Educativo estiver devidamente estruturado e consolidado e tiver objetivos e metas bem definidos pode ser uma mais-valia. No entanto, como faz questão de referir Dina Proença, não podem existir receitas únicas como não existem formas únicas de interpretar a obra de arte. Tem de haver um esforço para compreender os públicos, as comunidades, “devemos guiá-los sem os moldar”. No seu entender, o Serviço Educativo pode e deve ser, neste domínio, criativo, inovador e deve atuar como mediador entre o público e as manifestações culturais.

Neste capítulo, Cristina Sousa diz que “os serviços educativos têm também a função de permitir a quem deles usufrui, a possibilidade de sentir e vivenciar novas experiências”. Ou seja, em sua opinião trabalhar novas formas e conceitos poderá permitir às pessoas vivências únicas e abrir novos horizontes.

Ainda no âmbito da análise dos dados resultantes das entrevistas, é pertinente falar das dificuldades que poderão surgir na implementação do Serviço Educativo na Casa Municipal da Cultura de Seia. Cristina Sousa sugere que as dificuldades deverão passar pelas novas posturas que cada elemento da organização está disposto a assumir, individualmente e enquanto equipa. A Vereadora da Cultura do Município de Seia acrescenta ainda a importância da capacidade demonstrada às organizações que poderão beneficiar deste serviço, da ‘mais-valia’, que a sua existência terá no desenvolvimento de um conjunto de atividades, que permitirão trabalhar competências.

Já Sérgio Reis remete a necessidade de contenção de despesas, que limita à partida qualquer projeto inovador (que por ser inovador ainda não permite identificar áreas de poupança), assim como a dificuldade de espaços, a equipar com alguns instrumentos específicos, assim como a articulação com escolas e instituições, turistas/grupos organizados (visitas e atividades orientadas), site atrativo e dinâmico com acesso a registos de atividades (fotos, vídeos, imprensa).

Na mesma linha relativa a constrangimentos financeiros, segue Dina Proença, que aponta também a eventual escassez de recursos humanos e materiais, que poderá ser compensada com “muita vontade e determinação”. Nesse sentido, teremos de partir para ações que não careçam de grandes dispêndios financeiros, sobretudo numa época como a que atravessamos atualmente. Logo,

como procuraremos mais adiante demonstrar, teremos de enveredar por iniciativas de baixo custo, mas de alcance profundo.

3. Iniciativas a consolidar e outras a criar

Dentro do espírito e propósito que temos vindo a abordar no presente trabalho, destacamos a realização de várias ações a executar no espaço de um ano e que servirão de exemplo a repetir em anos seguintes, dando continuidade ao trabalho ora iniciado. Naturalmente que todas estas iniciativas serão enquadradas no contexto de toda a programação geral da Casa Municipal da Cultura, permitindo haver aqui um reforço das dinâmicas já empreendidas e uma saudável inovação no trabalho de uma equipa cada vez mais consistente e entusiasmada. E quer na consolidação de ações existentes, quer nas que se pretendem criar, não deve igualmente estar arredadas do espírito empreendedor, as preocupações de orientação para os resultados, otimização de recursos a capacidade de integração em equipas de trabalho, de modo a gerar sinergias através da participação ativa dos vários agentes.

Assim, partimos para o desenvolvimento das atividades que se sugerem no âmbito deste trabalho – umas a consolidar, outras a criar - como demonstrativas daquilo que se pode fazer anualmente, no contexto de serviço educativo, envolvendo as comunidades locais.

Quadro resumo das iniciativas

Iniciativas a consolidar	Iniciativas a criar
Para lá da cortina, todos ao palco	Pinturas e Contos
Curso de iniciação teatral	O teatro pela mão das crianças
Visitas guiadas a exposições	A gente vai à música
Sessões mensais de cinema infantil	
As Escolas Vão ao Cine'Eco	

4. Iniciativas a consolidar

A Casa Municipal da Cultura tem na sua programação habitual, um conjunto de atividades que podemos inserir no âmbito do SE e que permitem a quem delas usufrui, a possibilidade de sentir e vivenciar novas experiências e de trabalhar novas formas e conceitos, vivências únicas e horizontes diversos.

É o caso da realização anual de uma oficina, dando-se aqui um exemplo de uma designada “**Para lá da cortina... Todos ao palco!**”²³ que será uma oficina de férias, afirmando-se como um projecto de Educação pela arte e pela cultura. Um género de iniciativa que fará todo o sentido organizar pelo menos uma vez por ano no sentido de fomentar junto das crianças o contacto com os espaços de criação e realização de espetáculos, estimulando a criatividade e revelando curiosidades do meio artístico.

Outra iniciativa que consta da agenda da Casa da Cultura para este ano de 2012, que vem na sequência de anos anteriores e que deve manter-se em anos subsequentes, é a realização de um **curso de iniciação teatral**²⁴ para o público em geral, com apresentação do exercício final.

Das várias outras iniciativas já existentes na agenda cultural da Casa Municipal da Cultura, de forma pontual e que se sugere a sua integração no “pacote do Serviço Educativo” destacamos ainda: **visitas guiadas a exposições**, realizadas nas Galerias da Casa Municipal da Cultura, proporcionadas a alunos do curso de artes dos dois agrupamentos escolares de Seia²⁵; as sessões mensais de **cinema infantil**; “**As escolas vão ao Cine’Eco**”, etc.

Estas são algumas atividades existentes no quadro da programação e que aqui são dadas a título exemplificativo da sua importância e de como se podem articular entre si, para uma melhor rentabilização na concretização dos objetivos. Mas antes de partirmos para a apresentação das acções novas que se propõem no âmbito deste trabalho centrado na animação artística, importa questionar se o Serviço Educativo pode direccionar a sua acção exclusivamente a partir da

²³ Descrição da Oficina - Ver ANEXO 15

²⁴ Descrição do Curso - Ver ANEXO 16

²⁵ Damos como exemplo o relatório de visitas entretanto efetuadas a uma exposição - Ver ANEXO 17

programação existente, ou se pode complementar com acções puramente exclusivas?

Para Dina Proença, “o Serviço Educativo pode e deve fazer as duas coisas”, sustentando que o problema está em como fazê-lo de forma correta. Na sua opinião, é preciso estabelecer uma comunicação rápida e eficaz com a Instituição, com a Câmara, facilitando, deste modo, uma planificação estratégica que pode complementar o que existe e/ou propor novas ações. Ou seja, há nas suas palavras uma ideia de necessidade de inovação para satisfazer as necessidades e expectativas dos públicos-alvo.

Já Sérgio Reis, refere que se deve apostar em realizações próprias e características, de marcada originalidade, que não se limitem a copiar as ofertas existentes. Para tal, preconiza a necessidade de conhecer bem essa oferta, identificar necessidades, definir essas tais características distintivas e planificar as ações envolvendo os respetivos destinatários. Aqui e em sua opinião, o objetivo deverá ser “envolver e corresponsabilizar os interessados na fase de desenho, difusão, apresentação e avaliação das ações”.

Para Cristina Sousa, a programação deverá ser o ponto de partida para planificar as ações a desenvolver pelos serviços educativos, no entanto, refere que a existência de ações exclusivas poderá ser o início de um caminho a percorrer, para novas propostas de programação.

Não andar, por isso, longe destas perspetivas, a proposta de trabalho para o SE da Casa Municipal da Cultura de Seia, consubstanciando uma complementaridade de programação, de forma articulada e sustentável.

Outra questão relevante neste domínio é saber se é importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura.

No campo das hipóteses, ganha preponderância uma resposta positiva, uma vez que, em nosso entender e no entender dos nossos interlocutores, a escola tem que sair, cada vez mais, do seu espaço físico e proporcionar aos seus alunos novas vivências.

A deslocação aos diversos equipamentos do Município, nomeadamente à Casa da Cultura e a participação nas suas atividades, proporciona aos alunos novas sensações e experiências, que irão contribuir para a sua formação e crescimento

enquanto pessoas. No entanto, Cristina Sousa, também considera importante a situação inversa, ou seja, a Casa da Cultura também deve sair do seu espaço físico e “provocar” a escola, não só dando a conhecer as suas atividades, mas também ouvindo sugestões e contributos. Uma ressalva que tem necessariamente de ser tomada em conta aquando da implementação das ações a desenvolver.

Todavia, é oportuno realçar que as deslocações das escolas à Casa da Cultura devem assentar em ações pedagogicamente orientadas com o objetivo de criar hábitos culturais. Este nosso entendimento é também partilhado por Dina Proença, quando manifesta a sua preocupação, quando as visitas não têm objetivos bem definidos e os alunos não retiram qualquer conhecimento, não criam relações, nem são suficientemente críticos do que vêm. A este propósito, a Chefe de Departamento da Cultura do Município de Seia, lembra que a Lei de Bases do Sistema Educativo realça o papel da educação na “formação de cidadãos livres, responsáveis”, mas também “capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram”.

Por último e ainda sobre este propósito, Sérgio Reis defende que as visitas regulares organizadas deveriam integrar as planificações curriculares das mais diversas disciplinas e não só à Casa da Cultura, para visita a exposições, participação em outras atividades culturais incluindo projeção de filmes em contextos específicos. “Como ensina o famoso ditado africano para educar uma criança é precisa toda uma aldeia e a escola deve assumir um papel mais ativo na dinâmica social e cultural. O erro será ficar à espera que a escola dê o primeiro passo pois é uma instituição conservadora, no bom sentido e por essa razão também resiste a novidades, sobretudo se forem impostas, decididas à sua revelia ou contra a sua vontade”, disse.

5. Novas iniciativas a criar

No presente trabalho, para além da consolidação de um conjunto de iniciativas de que já se falou, e que fazem parte do quadro da programação da Casa da Cultura, propõe-se a realização de outras ações numa vertente de inovação e criatividade. São ações exemplificativas do trabalho que se pode fazer, à luz dos conceitos e das linhas orientadoras aqui esboçadas e todas elas podem organizar-se pelo menos, nos próximos 3 anos, nos termos em que aqui são apresentadas.

Assim, propõem-se as seguintes iniciativas:

5.1. “Pinturas e Contos”

“Pinturas e Contos” é um programa que consiste na realização de sessões de contos para crianças, em colaboração com a Biblioteca Municipal e com a Associação de Arte e Imagem de Seia, no âmbito da realização do Festival de Artes Plásticas – ARTIS, procurando estabelecer pontos de contato entre a pintura e o mundo imaginário da tradição oral. As contadoras de Histórias da Biblioteca e os artistas plásticos da Associação, terão preparada a iniciativa, que contará também com a envolvimento do programador.

O Município, através do SE da Casa da Cultura fará a mobilização das escolas de modo a que os alunos participem nas referidas sessões, no âmbito do Festival ARTIS²⁶. No primeiro ano, serão contempladas 5 turmas do 3º e 4º ano do Centro Escolar de Seia, num total de 100 crianças deslocando-se, a pé uma turma por dia, dada a proximidade da escola à Casa da Cultura. Nos anos seguintes a iniciativa contemplará outras escolas do concelho.

Naturalmente que haverá uma preparação prévia das ações entre as duas contadoras de histórias da Biblioteca e os artistas plásticos, de modo a concertarem as respetivas sessões. Estas, decorrerão durante uma semana, diariamente de segunda a sexta - feira, das 10 às 12 horas, no Espaço Internet da Casa da Cultura, depois de uma visita à exposição do concurso internacional que está patente nas Galerias.

²⁶ Descrição do Festival de Artes Plásticas, ARTIS - Ver ANEXO 18

No espaço haverá mesas com materiais – cartolinas e tintas – de modo a que no final as crianças construam as suas imagens a partir do que viram e ouviram.

Apesar do público-alvo estar assegurado, será feita divulgação da iniciativa nos vários suportes de promoção do município, designadamente agenda cultural em papel, no site da Câmara e da Casa da Cultura, nas redes sociais e na imprensa local.

Na prática, haverá 3 momentos: um em que as crianças visitam a exposição, guiadas pelos artistas presentes; outro em que ouvirão as histórias de tradição oral e um terceiro momento em que serão convidadas a desenhar as emoções sentidas nas “viagens de pinturas e contos”.

Com esta iniciativa pretende-se despertar os sentidos das crianças para a imagética, enquanto suporte de estruturas abstratas e genéricas, advindas da dinâmica da imagem caracterizada pela observação. Sendo a criança um ser estético por natureza, procura-se, através da ampliação da perceção visual, possibilitar-lhe o encontro com novas experiências de carácter artístico.

Este jogo imagético que se propõe, resulta igualmente da simbologia das palavras dos contos de tradição oral, como forma de apelar à imaginação criativa das crianças, no cruzamento de uma exposição de pintura com sessões de contos de tradição oral. Deste modo, pode conseguir-se o objetivo de despertar o interesse das crianças para as obras de arte expostas e simultaneamente para a valorização das histórias contadas.

Como nos referiu a este propósito Sérgio Reis, na entrevista para este trabalho, “a um determinado nível, a experiência estética oferece a possibilidade de confrontarmos os nossos ideais com as novas propostas artísticas, de questionarmos as nossas certezas e procurarmos dentro de nós novos sentidos, novos caminhos.” Por isso, pode esta iniciativa ajudar a proporcionar novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes em geral e neste caso em particular da pintura.

Já Madalena Wallenstein, responsável da “Fábrica das Artes” do CCB, a propósito da criação artística com o objetivo de alertar/sensibilizar para os problemas quotidianos, foi colocando a tónica no fato contundente de que “vida e arte são a mesma coisa, na medida em que arte se inscreve na urgência da

expressão do indivíduo, na relação consigo próprio, com os outros e com a sociedade. Uma afirmação que se funda na convicção de que “o objeto artístico é tanto mais forte quanto, através da semiótica e da técnica, acorda a capacidade de elevar, questionar, de sugerir, de estimular sentidos, humores e sensibilidades, que, contando com a subjetividade de quem recebe, estimula a reflexão e promove a mudança e é motor para a conceção da “felicidade”.

Elizabete Paiva, Coordenadora do Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor, de Guimarães, ao defender que o serviço educativo, pode ser um espaço privilegiado para a experiência das práticas artísticas, ou seja, do fazer, e o fazer, acaba por vir de encontro aos propósitos desta iniciativa que pretendemos implementar, onde se procura aproximar as pessoas, neste caso as crianças, das manifestações artísticas. E por consequência, este tipo de manifestações passam a fazer parte das suas experiências, parte do seu quotidiano, passam a ser tangíveis e passíveis de se relacionar com o mundo que nos rodeia, em vez de permanecerem formas abstratas e sacralizadas.

Esta responsável sublinha também a importância da deslocação organizada de escolas aos espaços culturais, embora considere igualmente importante contaminar o espaço escolar com outras práticas e modos de estar, uma vez que é fundamental valorizar os lugares simbólicos de uma comunidade e uma instituição cultural é um desses espaços basilares.

Margarida Saraiva, responsável do Serviço Educativo de Serralves, também considera “absolutamente fundamental” a deslocação organizada de escolas aos espaços culturais, cumprindo estas duas instituições o seu dever, “através da apresentação do conjunto de uma programação que é interessante e que pode servir para ser explorada pelas escolas em diversas disciplinas”.

Com efeito, não há receitas mágicas e como nos referiu Dina Proença, do município de Seia - “não podem existir receitas únicas como não existem formas únicas de interpretar a obra de arte. Tem de haver um esforço para compreender os públicos, as comunidades, devemos guiá-los sem os moldar”. Daí a necessidade desta iniciativa integrada no Serviço Educativo ter de procurar ser criativa e inovadora, onde os intervenientes terão de atuar como mediadores entre o público e a manifestação cultural em si.

Tendo em conta estes pressupostos, julgamos encontrar caminhos para que esta iniciativa, dada a título exemplar e que parte de uma outra já existente na programação da Casa da Cultura, contribua também ela para aproximar as crianças de processos criativos, dando assim, um pequeno contributo para a formação de novos públicos.

5.2. “Ao teatro, pela mão das crianças”

Esta iniciativa consiste na apresentação de um espetáculo de teatro infantil da Ludoteca Municipal²⁷ no encerramento do MOTIN – 5ª Mostra de Teatro Infanto-Juvenil do concelho de Seia. O MOTIN é uma Mostra de Teatro organizada pelo Município de Seia, através da Ludoteca, desde 2008, e envolve várias escolas do concelho que apresentam, cada uma, o seu espetáculo na Casa Municipal da Cultura. Em 2012 serão 4 espetáculos apresentados por turmas de teatro da Escola EB 2,3 Guilherme C. Carvalho de Seia e Escola Evaristo Nogueira, nos dias 2, 16 e 30 de Maio e 13 Junho (quartas-feiras).

O que se propõe aqui é que esta Mostra seja encerrada com a apresentação do espetáculo de teatro que a Ludoteca foi apresentando ao longo do ano nas suas instalações para grupos restritos de crianças. Desta vez, essas mesmas crianças, convidarão os pais a virem ver um espetáculo de que gostaram, ou não²⁸.

Como se verifica, trata-se de uma iniciativa que não traz custos acrescidos ao município, já que estamos perante um espetáculo que está criado e montado, realizando-se apenas num contexto alargado e de modo a sensibilizar os pais para o teatro, trazidos pela mão das crianças.

O SE da Casa da Cultura editará um pequeno folheto promocional do espetáculo, com um mês de antecedência e cada professor que levou grupos à Ludoteca se encarregará de entregar aos alunos, para que depois lhe façam chegar as respectivas reservas. Os cartazes e suportes de promoção do MOTIN - agenda

²⁷ Descrição da Ludoteca Municipal de Seia - Ver ANEXO 19

²⁸ Sugere-se a título de exemplo “A Fuga dos Brinquedos”, uma encenação da Ludoteca Municipal de Seia, promovida junto dos grupos escolares que visitaram este espaço lúdico - Ver ANEXO 20

cultural em papel, sites da Câmara e da Casa da Cultura e redes sociais, incluirão referência a este espetáculo para que outras pessoas do chamado “público em geral” também possam assistir.

O espetáculo será apresentado no dia 14 de Junho e o custo do bilhete será de um euro e no caso do nº de reservas ultrapassar a lotação da sala (345 lugares) o espetáculo pode repetir-se no dia seguinte. As pessoas envolvidas serão os animadores da Ludoteca, enquanto atores, os professores enquanto agentes colaboradores e o pessoal de frente da casa da CC.

No final do espetáculo, haverá diálogo dos actores com o público e pode auscultar-se o tema do espetáculo que a Ludoteca apresentará no ano seguinte.

Definidas as formas de implementação desta iniciativa, aprez sublinhar uma reflexão apontada pela Coordenadora do Serviço Educativo do CCB, Madalena Wallenstein sobre o *estado da arte* na relação teatro – escola, por ser bem oportuna. É que há nas últimas décadas um genuíno interesse por parte das companhias de teatro em oferecer propostas de espetáculos com os mais diversos formatos e que muitas vezes até se inspiram nos próprios currículos escolares. Para esta responsável, o grande trabalho a promover, para além da ida ao teatro, são projetos dentro da escola e em continuidade, levando os artistas a promover diálogos e atividades promotoras de percursos criativos e que enraízem mais que a vontade, a necessidade dos participantes para usufruir da arte nas suas vidas e criando públicos críticos e compostos de diversidade social e cultural.

Daí a importância do trabalho que é preciso fazer, quer pelos professores, quer pelos atores da Ludoteca, junto dos alunos, no seio escolar, sobre os espetáculos que irão ver.

5.3. “A Gente vai à música”

Este programa consiste na realização de 3 concertos na Casa Municipal da Cultura, procurando abranger vários públicos-alvo e aproveitando a colaboração de várias entidades. Uma ideia que assenta no fato de que para além das escolas, há outras entidades com quem se pode articular ações ou oficinas específicas. Uma estratégia também partilhada pela Vereadora da Cultura de Seia, Cristina Sousa, para quem “há certamente outras entidades, com as quais é muito importante articular atividades, nomeadamente as IPSS, as universidades seniores, as coletividades e porque não, as próprias empresas”.

Assim, este programa assenta na realização de 3 concertos. Um concerto com a Orquestra do Curso de Cordas do Conservatório de Música de Seia, no dia 2 de Julho, para cerca de 100 pessoas portadoras de deficiência, da Casa de Santa Isabel, da Casa do Povo de Seia e das Escolas EB 2,3 Dr. Guilherme C. Carvalho e EB 2,3 Dr. Abranches Ferrão.

Um segundo concerto que terá lugar no dia 25 de Setembro com a Big Band EPSE, da Escola Profissional da Serra da Estrela, e destinado a cerca de 100 alunos do ensino articulado de música no Conservatório de Seia, com as Escolas EB 2,3 Dr. Guilherme Correia de Carvalho e EB 2,3 Dr. Abranches Ferrão.

O terceiro concerto será no dia 1 de Outubro - que é simultaneamente Dia Mundial da Música e Dia Mundial do Idoso - com a Orquestra do Curso de Sopros da Escola Profissional da Serra da Estrela e o público-alvo serão idosos do concelho de Seia, num total aproximado de 350. Esta iniciativa conta com a colaboração das Instituições Particulares de Solidariedade Social do Concelho (IPSS), que se dispõem a transportar os “seus” idosos, e dos serviços sociais do Município, que asseguram a coordenação das inscrições e dos respetivos transportes.

Todos estes concertos são igualmente iniciativas de muito baixo custo, quase residual, já que serão proporcionadas, por grupos formados no seio do Conservatório de Música de Seia e da Escola Profissional, que se dispõem a actuar para grupos distintos, com repertórios adaptados a cada um deles.

Também aqui, apesar de o público-alvo estar assegurado, será feita divulgação da iniciativa nos vários suportes de promoção do município,

designadamente agenda cultural em papel, no site da Câmara e da Casa da Cultura, nas redes sociais e na imprensa local.

Como já referimos, para além das escolas, há outras entidades com quem se podem articular ações específicas e neste caso, concertos para públicos distintos. É naturalmente que os públicos seniores são uma boa aposta, a mobilizar através de instituições de diversa índole, também associações culturais e recreativas, possibilitando a mais-valia de experiências de vida nas mais variadas áreas – que podem ser aproveitadas para ampliar os resultados desejáveis. Outra aposta interessante será valorizar o contributo das pessoas com deficiência, a mobilizar igualmente através de instituições de carácter social. Na Casa de Santa Isabel, utiliza-se o método Waldorf, no qual a expressão artística tem um papel fulcral. O artista plástico, Sérgio Reis, na entrevista concedida, mostrou-se adepto deste tipo de interação com idosos e deficientes, neste caso para concertos musicais, além de propor para outros domínios, sobretudo das artes plásticas, a celebração de protocolos de intercâmbios com museus (que organizam e acolhem exposições itinerantes), fundações e empresas com coleções privadas de arte, de modo a incluir a Casa da Cultura nas rotas das itinerâncias. Uma sugestão a ter em conta para novos projetos deste complexo cultural.

Outra questão essencial a reter na implementação destas iniciativas, refere-se ao aproveitamento dos vários técnicos dos diversos setores culturais do município e que será tanto mais decisivo, quanto melhor for essa participação coletiva. E tanto assim é que um Serviço Educativo completo, exige naturalmente várias competências, pelo que terá de dispor de técnicos dos mais variados setores, valorizando-se obviamente a capacidade de relacionamento interpessoal / comunicabilidade, conhecimento de técnicas pedagógicas. Uma questão que é igualmente partilhada por Sérgio Reis, para quem “é importante que os vários serviços culturais do município, se articulem para complementarem e reforçarem a sua oferta cultural e educativa”.

5.4. Cronograma das novas iniciativas a criar²⁹

Atividades	Datas	Entidades envolvidas	Nº pessoas (público) abrangidas	Recursos Humanos envolvidos
Pinturas e Contos	Dias 14, 15, 16, 17 e 18 Maio	Centro Escolar de Seia Biblioteca Municipal Associação Arte e Imagem Seia	100 (5 turmas Centro Escolar Seia, 3º e 4º ano. Uma por dia)	2 Técnicas da Biblioteca + 2 Artistas plásticos + Programador
Ao teatro, pela mão das crianças	14 Junho	Ludoteca Municipal, Escolas	350 (pais e filhos)	5 Técnicos da Ludoteca + Programador
A Gente vai à música				
Orquestra do Curso de Cordas do Conservatório	2 Julho	Conservatório de Música de Seia	100 (pessoas portadoras de deficiência)	2 Técnicas do serviço social da Câmara + Programador
Big Band EPSE	25 Setembro	Escola Profissional da Serra da Estrela	100 (Crianças do ensino articulado da música)	2 Técnicos da Ludoteca + Programador
Orquestra do Curso de Sopros da Escola Profissional	1 Outubro	Serviços Sociais da CMS IPSS do concelho	350 (idosos)	2 Técnicas do serviço social da Câmara
			Total de público 1.000	

²⁹ A despesa total destas ações será de 750 euros e a receita de 350 €. Os restantes custos associados e não contabilizados, referem-se ao transporte, que no caso dos idosos e deficientes seriam assegurados pelas IPSS e pelo Município, assim como salários dos técnicos do município e despesas de manutenção do edifício, que independentemente destas iniciativas já existiriam.

5.5. Monitorização e avaliação das novas iniciativas a desenvolver

“A avaliação segundo Maria José Aguillar e Ezequiel Ander-Egg, é uma forma de investigação social aplicada, sistemática, planificada e dirigida, encarada para identificar, obter e proporcionar de maneira válida e fiável dados e informação suficientemente relevantes para apoiar um juízo acerca do mérito e valor das diferentes componentes de um programa (tanto na fase de diagnóstico, programação ou execução) ou de um conjunto de atividades específicas que se realizam, tenham realizado ou realizarão, com o propósito de produzir efeitos e resultados concretos, comprovando a extensão e o grau em que os ditos resultados se tenham dado, de forma tal que sirva de base ou guia para uma tomada de decisão nacional e inteligente entre cursos de ação, ou para solucionar problemas e promover o conhecimento e a compreensão dos fatores associados ao êxito ou fracasso dos resultados” (Monteiro, 1992, p.18)³⁰.

Deste modo, a elaboração da avaliação sistemática neste projeto, procurámos que fosse estruturante, pela importância em avaliar não só a eficiência como a eficácia do mesmo, com o registo das informações que foram sendo recolhidas regularmente, tendo sido, por isso, fulcral a construção de instrumentos e a definição de momentos de avaliação mais formais para aferir e identificar os resultados das ações, bem como o impacto produzido pelas mesmas.

Nesse sentido e para avaliar o desempenho e o alcance das iniciativas desenvolvidas, elaborámos para cada ação um inquérito, para ser preenchido pelos respetivos intervenientes, no final da sua realização³¹. Para os mais pequenos, o braço no ar pode servir como inquérito, podendo, no entanto, para valorizar a avaliação quase como atividade lúdica, desenvolver-se um pequeno jogo, utilizando-se um método de avaliação por cores. Três cartões com cores representando o grau de satisfação (não gostei, gostei, gostei muito...) que cada aluno introduz num saco e que depois serão contabilizados.

Entretanto, há um conjunto de fatores externos condicionantes ou pré-requisitos para a concretização do projeto, pelo que ao longo do seu

³⁰ In Sociologia Problemas e Práticas, 1996, nº 22- “A avaliação nos projetos de Intervenção Social: Reflexões a partir de uma prática” de Alcides Monteiro.

³¹ Ver ANEXOS 21, 22, 23, 24 e 25

desenvolvimento poderão surgir esses fatores externos condicionantes ao seu sucesso. Por isso, terá de haver uma redobrada atenção por parte do programador e certificar-se se todas as entidades e técnicos envolvidos cumprem o seu papel. Deverá também verificar-se com frequência se todos os canais de comunicação entre os agentes envolvidos funcionam, na medida em que uma comunicação não cuidada e com falhas, poderá colocar em causa todo o sucesso e eficácia do projeto.

No âmbito do sistema de avaliação interna, para além das fichas de avaliação por atividade, é igualmente importante a marcação de algumas reuniões, designadamente:

- Reuniões gerais para estabelecimento do alinhamento e conteúdos dos diversos programas de atividades, bem como a atribuição de responsabilidades e divisão de tarefas pelos diversos intervenientes do município;

- Reunião com cada entidade parceira para preparação de cada uma das ações, agendando-se com cada uma delas uma reunião posterior para avaliação informal dos resultados obtidos.

CONCLUSÃO

O desafio que esteve subjacente ao desenvolvimento de um trabalho com as características deste projeto de ação, que comporta em simultâneo uma vertente prática de potencial aplicação em domínios da realidade profissional, revelou-se profícuo, quer na vertente académica que lhe esteve subjacente pela oportunidade de aprofundar e validar outros conhecimentos, quer ainda no campo em que me situo, enquanto programador da Casa Municipal da Cultura de Seia.

O desenvolvimento de um projeto desta natureza e etapas percorridas para a sua execução, permitiram caminhar em contextos reais, conferindo desse modo uma maior confiança na exequibilidade e aplicabilidade da proposta agora finalizada e apresentada. Todavia, os procedimentos metodológicos foram aplicados a partir de atores diretamente envolvidos, pelo que a realidade descrita não é apenas uma “realidade virtual”, estando disponíveis os mecanismos de atuação e instrumentos de ação propostos.

Por isso, cabe neste ponto a análise e interpretação dos resultados alcançados, de modo a obter determinadas evidências ou padrões, uma vez que são funções desta seção, entre outras, relacionar os dados encontrados de forma a obter conclusões com significado, bem como integrar as conclusões num corpo teórico já existente e apresentar sugestões práticas / recomendações, tendo em conta os dados alcançados.

Para além dos resultados obtidos com a criação deste Serviço Educativo e das atividades a ele associadas e nomeadamente aqueles que aqui foram identificados na perspetiva de reforço da sua implementação, identificamos igualmente, todos aqueles resultados que prevemos alcançar nas iniciativas a desenvolver.

Nesse contexto, uma das conclusões fundamentais que retiramos é que através da envolvência de crianças, idosos e pessoas portadoras de deficiência e dos laços estabelecidos entre a Casa Municipal da Cultura de Seia e a comunidade local, através do trabalho articulado dos vários agentes culturais do município, se pode augurar criar novos públicos. Uma perspetiva que vai de encontro à programação do espaço cultural, onde se constroem relações com a comunidade e

com os públicos. No entanto, como nos referiu Elisabete Paiva, do Serviço Educativo do C.C. Vila Flor, é necessário que o serviço educativo “não esteja à margem de um pensamento estrutural da instituição sobre o seu lugar na comunidade, (...) para poder responder às necessidades de criação de público”.

Simultaneamente, somos induzidos a pensar que no estreitamento de relações de proximidade entre o público e as manifestações artísticas se criam momentos de partilha e de experimentação que impelem as pessoas a abandonar uma certa passividade que tantas vezes marca o seu quotidiano. Nesse sentido e entendendo os Serviços Educativos como territórios de participação que promovem momentos de reflexão, de construção de conhecimentos, poderemos acreditar que trarão novos públicos, que é um dos desígnios do presente projeto. É que, no caso concreto do Serviço Educativo que se pretende implementar, “este terá de ser enquadrado na linha de orientação do Município, para poder ter um papel importante, trabalhando estratégias de comunicação, criando grupos de amigos e parcerias”, como nos chegou a referir a Chefe de Departamento da Cultura da Câmara Municipal, Dina Proença.

E quando questionados se, afinal, é ou não importante a criação de um serviço Educativo na Casa Municipal da Cultura no contexto da animação artística, obtemos a resposta afirmativa, quer nas perguntas que formulámos aos nossos entrevistados, quer nas fundamentações e hipóteses que fomos equacionando. Numa primeira análise, porque se dinamiza o espaço e se se promove o mesmo, criando os tais laços afetivos entre os agentes culturais e o público, tornando-o mais próximo e mesmo parte das suas vidas, através da frequência repetida dos eventos e atividades e da criação de boas memórias. Uma constatação sublinhada pelo artista plástico Sérgio Reis, quando lembra também a necessidade do mesmo serviço oferecer um conjunto de atividades que se revelem úteis e promovam a vontade de repetir.

Uma orientação que foi sustentando o presente projeto, onde se proporciona um conjunto de iniciativas, simples e criativas, que vão de encontro a vários públicos de diferentes estratos sociais e idades, na perspetiva de se tornarem potenciais públicos. Um trabalho que resulta de diversas parcerias com entidades externas à Casa da Cultura e do aproveitamento de sinergias dos diversos técnicos responsáveis por vários serviços do município. Uma estratégia simples, com dispêndio de poucos recursos financeiros, naturalmente ancorada no pacote de

programação deste complexo, conseguindo assim sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da arte. Uma estratégia que contribuiu para a formação cultural do indivíduo, numa perspetiva de aprendizagem não formal, construtiva e crítica.

Por tudo isto, entende-se que através do aproveitamento de sinergias existentes no quadro do Município de Seia, para a criação de um serviço educativo em Artes, é possível dar um contributo relevante para o reforço da missão da Casa Municipal da Cultura de Seia.

Ao longo do presente trabalho, não constatámos grandes dificuldades, sobretudo no contato com os vários agentes, quer na colaboração do trabalho, quer na ideia da sua aplicabilidade, subsistindo, isso sim, a ideia do mesmo ter toda a pertinência e aplicabilidade. Isso não significa que não se tenha constatado a convicção da existência de inúmeras atividades por parte do município que carecem de uma orientação estratégica, sobretudo as que se enquadram no espírito de Serviço Educativo, de que temos vindo a abordar.

Por último e para uma hipotética continuidade de investigação neste domínio, abro uma janela para análise à abundância de ofertas de oficinas e ateliês por parte de múltiplas instituições, que porventura estarão a “intoxicar” sobretudo crianças, em demasia tal e sem estruturação, “roubando-lhes” algum tempo para as suas brincadeiras espontâneas. Enfim, um desafio, com laivos de provocação, mas a merecer estudo aprofundado, neste capítulo de educação não formal, cada vez mais abundante.

BIBLIOGRAFIA

- Ander-Egg, Ezequiel. *O léxico do Animador*, Vila Real, Edições ANASC, 1999.
- Aguillar, Maria José; Ander-Egg, Ezequiel. *Evaluación de Servicios y Programas Sociales*, Madrid, Siglo XXI, 1992.
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1977.
- Fortuna, Carlos, e Augusto Santos Silva (2001), “A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural”, em Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 409-461.
- Gomes, Rui Telmo, e outros. *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*, Lisboa, edição do Observatório das Atividades Culturais, 2006.
- Honrado, Miguel (2007). *Públicos da Cultura e Serviços Educativos: Novos Desafios? Viagem ao continente da “multiplicação dos sentidos”*, Porto, Setepés, pp. 17-26.
- Lopes, João Teixeira, (1997), *Os públicos do teatro e a inocência dos criadores*, versão electrónica do artigo da publicação periódica do Observatório das Actividades Culturais, OBS nº2, Outubro, pp. 15-19.
- Lopes, João Teixeira (2000), *Em busca de um lugar no mapa – Reflexão sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão*, revista Sociologia, problemas e práticas, nº 34, pp.81-116.
- Lopes, João Teixeira (2003), *Escola, Território e Políticas Culturais*, Porto, Campo das Letras, pp 18-22.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc van (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva. 2ª edição.
- Rancière, Jacques (2010) “O espectador emancipado”, Lisboa, Orfeu Negro.

Santos, Maria Lourdes Lima, (1999) “Indústrias culturais: especificidades e precariedades”. Lisboa, Observatório das Atividades Culturais, *OBS* nº 5, pp. 2-6.

Silva, Augusto Santos (2002), “A dinâmica cultural das cidades médias: uma sondagem do lado da oferta”, em Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (orgs.), *Projecto e Circunstância. Culturas Urbanas em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 65-107.

Silva, Augusto Santos (2003), “Como classificar as políticas culturais? Uma nota de pesquisa”, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais, *OBS*, 12, pp. 10-20.

Silva, Augusto Santos (2007), “Como abordar as políticas Culturais Autárquicas”, in: *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 54, pp.11-33.

Silva, Augusto Santos, e Helena Santos (2004), “A transformação das cidades médias, segundo os seus agentes culturais”, comunicação ao Colóquio Produção Cultural e Transformação da Cidade. Perspetivas transdisciplinares, Lisboa.

Silva, Susana Gomes da (2007), “Serviços Educativos: Espaços de negociação na arena cultural”, Coordenação do sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Barriga, Sara; Silva, Susana Gomes, (2007), *Serviços Educativos na Cultura*, Porto, Setepés.

WEBGRAFIA

Autores:

Costa, António Firmino (1997), Políticas Culturais : conceitos e perspectivas, in http://www.oac.pt/pdfs/OBS_2_Pol%C3%ADticas%20Culturais_Conceitos%20e%20Perspectivas.pdf

Fonseca, Rui Pedro (2007) A Arte como Discurso, A identidade como mercadoria
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n53/n53a06.pdf>

Madeira, Cláudia, (1999) Novos notáveis – Os programadores culturais
http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df75d1d543_1.PDF

Matoso, Rui (2006), Cultura, Economia & Desenvolvimento
http://www.culturaviva.com.pt/textos/rui%20matoso/Artigo1_Rui%20Matoso.pdf

Melo, Alexandre, (1997), Política Cultural: ação ou omissão?
http://www.oac.pt/pdfs/OBS_2_Pol%C3%ADtica%20Cultural_Ac%C3%A7%C3%A3o%20ou%20Omiss%C3%A3o.pdf

Silva, Augusto Santos (2007), Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro, <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n54/n54a02.pdf>

Ribeiro, António Pinto, *As artes sempre foram, são e serão minoritárias*, 12.10.2011
<http://ipsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=295018>

Entidades:

Diagnóstico Social do Concelho de Seia, 2009 – 2011 http://www.cm-seia.pt/images/stories/PDF/redesocial/DIAGNOSTICO%20SOCIAL_PLANO%20DE_SENVOLVIMENTO%20SOCIAL_2009_2011.pdf

Instituto Nacional de Estatística www.ine.pt

Ludoteca Municipal de Seia - http://www.cm-seia.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=47&Itemid=74

Plano estratégico Seia 2020, <http://www.cm-seia.pt/seia2020.pdf>

Programa Educativo da Fundação de Serralves - <http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1853>

Fábrica das Artes do CCB - <http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/MaisNovosFamilia/Pages/FA.aspx>

Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, <http://www.ccvf.pt/conteudo.php?id=33&cat=4&on=false>

Jornal Porta da Estrela
<http://www.portadaestrela.com/index.asp?idEdicao=104&id=4808&idSeccao=922&Action=noticia>

Blogue de Sérgio Reis, <http://artes-vivas-index1.blogspot.com/>

ANEXOS

ANEXO – I

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?
- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?
- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?
- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?
- Porque é que acha que é importante a existência de um serviço educativo na casa municipal da cultura?
- De que forma é que a sua criação pode contribuir para reforçar a missão da casa da cultura?
- Vê com bons olhos que este serviço educativo resulte do aproveitamento dos vários técnicos dos diversos setores culturais do município?
- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?
- Para além das escolas, há outras entidades com quem se possam articular ações ou oficinas específicas?
- O Serviço Educativo pode centrar a sua ação exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com ações exclusivas?
- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo na CMC?



seia

RECORTES DE IMPRENSA
 Jornal Terras da Beira – Guarda
 26/01/2012

Mais espectadores na Casa da Cultura de Seia

A Casa Municipal da Cultura de Seia registou durante o ano passado 36.728 entradas nas mais de 200 iniciativas e eventos realizados naquela estrutura, mais 2.731 que no ano anterior. «Embora a perspectiva dos números seja importante, mas não o mais fundamental, verifica-se que o teatro profissional e amador registou 2.453 entradas, sendo de destacar os espectáculos com as companhias Urze, Baal 17 e Trigo Limpo/Acert, tendo-se realizado com esta última uma residência artística de cinco dias com a envolvimento de actores locais», concretiza o comunicado da autarquia senense, que gere o espaço. «A realização do MOTIN», mostra de teatro das escolas do concelho em colaboração com o município, «revelou-se igualmente importante».

O maior número de espectadores verificou-se nos concertos musicais, com um total de 6.905 entradas. Destacando o autarquia os espectáculos de «Chris Jagger, André Sarbib, Bea & Barreto, Vitorino D'Almeida, Luiz Avelar, Deolinda, The Crow e Filarmónia das Beiras». «Na área da música, merece igual destaque a forte participação de grupos locais, quer através do Conservatório e Escola Profissional, quer através das agremiações culturais do concelho e bandas de garagem, decorrendo da chamada Bolsa de Talentos Locais, impulsionada pelo município», refere o documento, sublinhando que «nessa linha, há vários concertos e festivais impulsionados por estas entidades que se consolidam no calendário da Casa da Cultura, como sejam o Festival de Clarinetes, Dias da Música Barroca, Dias da Música Electroacústica, Festival de Orquestras de Música Ligeira, Festival de Folclore de Inverno, Festival de Música Coral e Festival da Canção Jovem».

Houve também mais gente a visitar



as diversas exposições patentes ao público ao longo do ano, «passando de 3.121 para 4.100». Neste capítulo, «para além do aumento quantitativo, verificou-se um grande aumento de qualidade das obras expostas, já que houve uma aposta no convite a artistas de grande nome nacional. O expoente máximo das exposições acontece com a realização do ARTIS, que em 2011 passou a festival internacional de artes plásticas».

O acréscimo de espectadores registou-se ainda nos espectáculos multidisciplinares, «na sua maioria promovidos por instituições locais, cumprindo igualmente um requisito importante do município, na aproximação da Casa da Cultura à comunidade», num total de 3.417 entradas. «Neste capítulo sublinha-se também um grande aumento nos «Outros Eventos» onde se incluem, entre outros, conferências e a Feira do Livro». «No Espaço Internet

também são contabilizadas as entradas, verificando-se um acréscimo de cerca de 600, uma vez que em 2010 se tinham registado 3.084 entradas e em 2011, contaram-se 3.695 entradas».

Situação inversa verificou-se no cinema, onde se constata «uma descida acentuada do número de espectadores nas sessões de fim de semana, do chamado circuito comercial». «Uma tendência que poderá ser invertida se for instalado o sistema de cinema digital, como o município tem previsto. Com essa medida, será proporcionado ao público o cinema em 3D e sobretudo a exibição de filmes mais atempada e nalguns casos a realização de algumas estreias», afirma a autarquia em comunicado. «Relativamente aos custos, a grande maioria dos espectáculos foram financiados em 85 por cento, através da Cultrede, e muito poucos do orçamento exclusivo do Município», finaliza o comunicado.

ANEXO – III

ENTREVISTA A

CRISTINA SOUSA | Vice-Presidente e Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Seia

Dezembro 2011

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?

Sem dúvida, estas pessoas têm uma maior sensibilidade para opinar e darem contributos, bem como para se envolverem em novos desafios. O conhecimento e a vivência das mais diversas formas de arte proporcionam ao indivíduo uma capacidade diferente, para observar aquilo que o rodeia e adotar uma postura crítica, dando-lhe também uma visão diferente e mais ampla da realidade.

- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

O objetivo final será esse, mas para o alcançar, há um caminho a percorrer. O público tem que se identificar com essas manifestações artísticas. Qualquer que seja a relação estabelecida, só haverá o seu estreitamento se houver cumplicidade e identificação com os projetos e as atividades.

- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?

Os serviços educativos têm também a função de permitir a quem deles usufrui, a possibilidade de sentir e vivenciar novas experiências. Trabalhar novas formas e conceitos poderá permitir às pessoas vivências únicas e abrir novos horizontes.

- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?

A formação de públicos é algo bastante complexo e moroso. Trata-se de um trabalho árduo, e, em grande parte feito de avanços e recuos. Os públicos necessitam de ser trabalhados, não só na sensibilização para as diversas ações que se vão realizando, mas também na tentativa de os abrir a novas manifestações. Este trabalho tem que ser sistemático, e pode e deve ser feito pelos serviços educativos.

- Porque é que acha que é importante a existência de um serviço educativo na casa municipal da cultura?

Como acabei de dizer, a existência de um serviço educativo na casa da cultura, poderá e deverá ter esse papel fundamental no trabalho dos públicos. Aliás, muito deste trabalho já está feito, é preciso apenas sistematiza-lo e inculir nos diversos atores a necessidade de trabalharem segundo a mesma linha condutora.

- De que forma é que a sua criação pode contribuir para reforçar a missão da casa da cultura?

Se a missão da casa da cultura é proporcionar à população um conjunto de atividades, contribuindo dessa forma, para a melhoria da sua qualidade de vida, os serviços educativos tem aqui um papel fundamental na sensibilização para as mais diversas manifestações culturais. A organização de visitas ou outro tipo de interações ajudará, com toda a certeza, a fidelizar públicos e a trazer pessoas para as atividades desenvolvidas pela casa da cultura.

- Vê com bons olhos que este serviço educativo resulte do aproveitamento dos vários técnicos dos diversos setores culturais do município?

Nos tempos atuais, as organizações necessitam de rentabilizar os recursos que possuem, estes são cada vez mais escassos. O grande desafio que se coloca às instituições é fazer mais e melhor, com menos (menos recursos humanos e financeiros). Nunca, como agora, se apelou à imaginação, criatividade e polivalência de cada um, enquanto elemento ativo de uma organização.

- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?

A escola tem que sair, cada vez mais, do seu espaço físico e proporcionar aos seus alunos novas vivências.

A deslocação aos diversos equipamentos do Município, nomeadamente à Casa da Cultura e a participação nas suas atividades, proporciona aos alunos novas sensações e experiências, que irão contribuir para a sua formação e crescimento enquanto pessoa.

No entanto, também considero importante a situação inversa, ou seja, a Casa da Cultura também deve sair do seu espaço físico e “provocar” a escola, não só dando a conhecer as suas atividades, mas também ouvindo sugestões e contributos.

- Para além das escolas, há outras entidades com quem se possam articular ações ou oficinas específicas?

Há certamente outras entidades, com as quais é muito importante articular atividades, nomeadamente as IPSS, as universidades seniores, as coletividades e porque não, as próprias empresas.

- O Serviço Educativo pode centrar a sua ação exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com ações exclusivas?

Efetivamente a programação deverá ser o ponto de partida para planificar as ações a desenvolver pelos serviços educativos, no entanto, a existência de ações exclusivas poderá ser o início de um caminho a percorrer, para novas propostas de programação.

- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo na CMC?

A maior dificuldade, na minha opinião, passa pelas novas posturas que cada elemento da organização está disposto a assumir, individualmente e enquanto equipa.

E, em seguida, na capacidade de mostrar às organizações que poderão beneficiar deste serviço, da mais-valia, que a sua existência terá no desenvolvimento de um conjunto de atividades, que permitirão trabalhar competências.

ANEXO IV

ENTREVISTA A

SÉRGIO REIS | artista plástico | Seia

Dezembro 2011

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?

Sim. Compreendem a importância das artes, a sua função na sociedade ao longo da história e na atualidade, entendem as ligações e correspondências que as artes estabelecem entre os mais diversos elementos da estrutura cultural, valorizam as manifestações artísticas e estão mais atentas aos fenómenos artísticos, dispõem de ferramentas conceituais e práticas importantes para se envolverem diretamente e condicionarem positivamente os resultados. Terão, enfim, mais apetência por se envolverem em atividades da área artística mas poucos o fazem efetivamente: devido a outros interesses prioritários e excesso de solicitações; baixas expectativas sobre o nível das realizações (preferindo procurar outros destinos); individualismo, desconfiança em relação à seriedade institucional; sensação de inutilidade dos esforços face ao alheamento social, especialmente hoje, quando o afastamento de alguns dogmas e cânones permitem estudar a cultura do passado pelos mais diversos ângulos e reinterpretá-la, e no momento em que os meios tecnológicos de acesso à cultura e de construção cultural têm baralhado o conceito tradicional de cultura e individualizado a relação do indivíduo com a cultura.

Essas pessoas devem ser envolvidas, valorizando as suas competências e participação.

- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

Para se perceber como, basta referir as vantagens do contacto direto com a obra de arte, a vivência da experiência artística, a compreensão do fenómeno artístico proporcionada por uma visita guiada ou pelo conhecimento pessoal e diálogo com os artistas. Permite ainda dessacralizar a cultura erudita, que é vista nestes meios como coisa de elites, difícil de entender, muito séria, nada divertida, uma “seca”. O mais preocupante é que a maioria dos jovens, narcotizada com futebol e música de orelha, tem essa ideia da cultura. Cabe à escola e neste caso aos serviços educativos promover e organizar aproximações afetivas e desmistificar esse conceito de cultura estática, aborrecida. O problema com as escolas é que muitos professores também acham a cultura estática e chata. Se calhar, os serviços educativos também serão úteis para os professores.

- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?

A um determinado nível, a experiência estética oferece a possibilidade de confrontarmos os nossos ideais com as novas propostas artísticas, de questionarmos as nossas certezas e procurarmos dentro de nós novos sentidos, novos caminhos.

- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?

A criação de públicos não depende da congregação de gostos, especialmente nestes tempos de individualismos, de ditadura económica e gritaria publicitária. Depende da conjugação de interesses e dos hábitos culturais que se valorizam, promovem e fomentam.

- Porque é que acha que é importante a existência de um serviço educativo na casa municipal da cultura?

Em primeiro lugar, dinamizar o espaço, promove-lo com protagonismo, criar laços afetivos com o espaço cultural tornando-o mais próximo e mesmo parte das suas vidas, através da frequência repetida dos eventos e atividades, e da criação de boas memórias (fotografia do visitante, fotografias de grupo, folhetos/desdobráveis/catálogos, livros de mensagens, etc.). Depois, oferecer um conjunto de atividades que se revelem úteis e promovam a vontade de repetir. Lembremo-nos do exemplo do restaurante....

- De que forma é que a sua criação pode contribuir para reforçar a missão da casa da cultura?

O serviço educativo deveria desenvolver-se em duas direções. A primeira, em articulação com as escolas, associações, instituições diversas, permitiria traçar um mapa de ocupação útil intensiva, com visitas organizadas, atividades. A segunda direção visaria congregar individualmente o público disperso, através dos meios informáticos e da Internet, seduzindo-os para complicitades culturais como exposições virtuais, partilha de fotos e vídeos, concursos. O objetivo seria tornar a Casa da Cultura (e as suas atividades) mais conhecida, mais presente e com influência positiva na qualidade de vida das pessoas.

- Vê com bons olhos que este serviço educativo resulte do aproveitamento dos vários técnicos dos diversos setores culturais do município?

Um serviço educativo completo, exigindo diversas competências, deverá poder dispor de técnicos dos mais diversos setores, valorizando-se naturalmente a capacidade de relacionamento interpessoal/comunicabilidade, conhecimento de técnicas pedagógicas ou mesmo prática pedagógica. O concelho dispõe de diversos serviços culturais (Biblioteca municipal, museus, ludoteca, ...) que devem articular-se para completarem a reforçarem a sua oferta cultural e educativa específicas.

- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?

As visitas regulares organizadas deveriam integrar as planificações curriculares das mais diversas disciplinas, e não só à Casa da Cultura, para visita a exposições, participação em outras atividades culturais incluindo projeção de filmes em contextos específicos). Como ensina o famoso ditado africano para educar uma criança é precisa toda uma aldeia e a escola deve assumir um papel mais ativo na dinâmica social e cultural. O erro será ficar à espera que a escola dê o primeiro passo pois é uma instituição conservadora, no bom sentido, e por essa razão também resiste a novidades, sobretudo se forem impostas, decididas à sua revelia ou contra a sua vontade.

- Para além das escolas, há outras entidades com quem se possam articular ações ou oficinas específicas?

Os públicos séniores são uma boa aposta, a mobilizar através de instituições de diversa índole, também associações culturais e recreativas, possibilitando a mais-valia de experiências de vida nas mais diversas áreas – que podem ser aproveitadas para ampliar os resultados desejáveis. Outra aposta interessante seria valorizar o contributo das pessoas com deficiência, a mobilizar igualmente através de instituições. Na Casa de Santa Isabel, utiliza-se o método Waldorf, no qual a expressão artística tem um papel fulcral.

Protocolos de intercâmbios com museus (que organizam e acolhem exposições itinerantes), fundações e empresas com coleções privadas de arte, de modo a incluir a CMC nas rotas das itinerâncias.

- O Serviço Educativo pode centrar a sua ação exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com ações exclusivas?

Considerando a concorrência de tantos serviços educativos – oferecidos pelas instituições culturais mais díspares, convirá apostar em realizações próprias e características, de marcada originalidade, que não se limitem a copiar as ofertas existentes. Para tal, será necessário conhecer bem essa oferta, identificar necessidades, definir essas tais características distintivas e planificar as ações envolvendo os respetivos destinatários. Aqui, o objetivo deverá ser envolver e corresponsabilizar os interessados na fase de desenho, difusão, apresentação e avaliação das ações.

- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo na CMC?

Creio que, para além da exigência de contenção de despesas, que limita à partida qualquer projeto inovador (que por ser inovador ainda não permite identificar áreas de poupança), haverá a dificuldade de espaços, a equipar com alguns equipamentos específicos, articulação com escolas e instituições, turistas/grupos organizados (visitas e atividades orientadas), site atrativo e dinâmico com acesso a registos de atividades (fotos, vídeos, imprensa).

ANEXO - V

ENTREVISTA A

DINA PROENÇA | Chefe de Departamento da Cultura, Educação, Desporto, Saúde e Turismo da Câmara Municipal de Seia

Dezembro 2011

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?

Pessoas mais informadas são, com certeza, mais reflexivas e mais participativas, logo serão mais interventivas. No entanto, hoje confunde-se muito o participar com o assistir, quando, na verdade, são coisas distintas. O assistir, o olhar, o ser não é o que mais importa, devemos valorizar o conhecer, o ver, o fazer. Depois é importante saber de que tipo de informação falamos. Na minha modesta opinião, uma informação “de massas”, nesta sociedade e nos dias de hoje quase que “deseduca”, não ajuda à reflexão, á construção, à compreensão...

- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

Sim. Acredito que sim. Um Serviço Educativo onde se crie, se produza, se experimente pode ser muito importante para quebrar algum “gelo”, para diminuir distâncias. As pessoas, o público passam a sentir as manifestações culturais e abandonam uma certa passividade.

- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?

Se o Serviço Educativo estiver devidamente estruturado e consolidado e tiver objetivos e metas bem definidos pode ser uma mais-valia. Não podem existir receitas únicas como não existem formas únicas de interpretar a obra de arte. Tem de haver um esforço para compreender os públicos, as comunidades, devemos guiá-los sem os moldar. O Serviço Educativo pode e deve ser criativo, inovador, deve atuar como mediador entre o público e as manifestações culturais.

- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?

Não sei se depende muito, mas depende sempre. Se entendermos os Serviços Educativos como territórios de participação que promovem momentos de reflexão, de construção de conhecimentos, vão trazer novos públicos. Se o Serviço Educativo estiver enquadrado na linha de orientação do Município pode ter um papel

importante, pode trabalhar estratégias de comunicação, pode criar grupos de amigos, parcerias...

- Porque é que acha que é importante a existência de um serviço educativo na casa municipal da cultura?

Na Casa da Cultura, nos Museus, no Arquivo é sempre importante. Porque proporciona experiências, conhecimento, prazer. O Serviço Educativo deve estabelecer relações, deve assumir uma dimensão social, estar aberto a grupos socioculturais distintos.

- De que forma é que a sua criação pode contribuir para reforçar a missão da casa da cultura?

Um Serviço Educativo que sensibilize e motive os diferentes públicos reforça e estimula novas linguagens artísticas, logo reforça a missão deste espaço onde se promove uma oferta cultural diversificada. O Serviço Educativo pode, ainda, contribuir para valorizar métodos inovadores que estimulem a participação.

- Vê com bons olhos que este serviço educativo resulte do aproveitamento dos vários técnicos dos diversos sectores culturais do município?

Como alguém disse, um Serviço Educativo é um laboratório de experiências. Eu entendo estas experiências como a partilha de saberes de vários técnicos, que em equipa constroem iniciativas e projetos, utilizando métodos de trabalho inovadores num encontro perfeito com o público.

- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?

Se estas deslocações forem assentes em ações pedagogicamente orientadas com o objetivo de criar hábitos culturais, serão muito importantes. Preocupa-me quando as visitas não têm objetivos bem definidos e os alunos não retiram qualquer conhecimento, não criam relações, não são críticos. Lembro que a Lei de Bases do Sistema Educativo realça o papel da educação na “formação de cidadãos livres, responsáveis”, mas também “capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram”.

- Para além das escolas, há outras entidades com quem se possam articular ações ou oficinas específicas?

Sim. É importante criar redes de contacto com outras Casas de Cultura, promover a colaboração com outros agentes, como professores, artistas, técnicos, Academia Sénior, IPSS. É importante a intervenção da comunidade na programação. É importante encontrar estratégias que facilitem relações sustentáveis, ultrapassando de forma criativa os obstáculos.

- O Serviço Educativo pode centrar a sua acção exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com acções exclusivas?

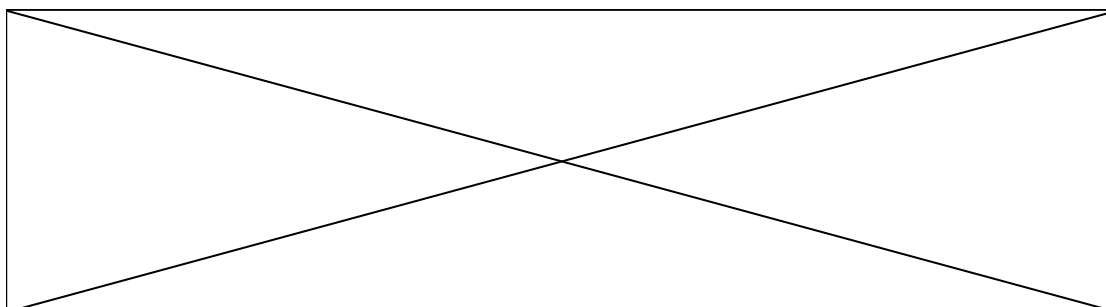
O Serviço Educativo pode e deve fazer as duas coisas, o problema está como fazê-lo e como fazê-lo de forma correta. É preciso estabelecer uma comunicação rápida e eficaz com a Instituição, com a Câmara, facilitando, deste modo, uma planificação estratégica que pode complementar o que existe e/ou propor novas ações. É preciso inovar para satisfazer as necessidades e expectativas dos públicos-alvo.

- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo na CMC? Poderão existir constrangimentos financeiros, poucos recursos humanos e materiais mas tem de existir vontade e determinação. É preciso definir objetivos, traçar metas. Depois temos de ser criativos, inovadores, críticos.

ANEXO - VI

FÁBRICA DAS ARTES

A CAMINHO DA FÁBRICA DAS ARTES!



O CCB/Fábrica das Artes é o nosso espaço de programação vocacionado para todos entre os 0 e os 99 anos. Concebemos atividades no âmbito das artes performativas em dois eixos principais: espetáculos e oficinas. Durante a semana abrimos as portas à comunidade escolar e ao fim de semana a programação é dirigida a crianças e às suas famílias. Temos desenvolvido uma programação abrangente, alargando a oferta de oficinas e espetáculos para os muito graúdos. Não podemos esquecer os artistas que vamos desafiando a criar e a aproximar, em conjunto connosco, a arte das pessoas de todos os tamanhos.

Madalena Wallenstein

<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/MaisNovosFamilia/Pages/FA.aspx>

O CCB/ Fábrica das Artes oferece também propostas de formação e de experiências dirigidas a professores e orientadas pelos artistas a partir dos seus projetos, tendo como objetivo a vivência artísticas e a aquisição de ferramentas pedagógicas e artistas a ser utilizadas nos mais variados contextos educativos

- A criação artística com o objectivo de alertar/sensibilizar para os problemas quotidianos;
Para nós a vida e arte são a mesma coisa na medida em que arte se inscreve na urgência da expressão do individuo, na relação consigo próprio, com os outros e com a sociedade. Acreditamos que o objeto artístico é tanto mais forte quanto, através da semiótica e da técnica, acorda a capacidade de elevar, questionar, de sugerir, de estimular sentidos, humores e sensibilidades, que, contando com a subjetividade de quem recebe, estimula a reflexão e promove a mudança e é motor para a conceção da “felicidade.
- O *estado da arte* na relação teatro – escola;
Há nas últimas décadas um genuíno interesse por parte das companhias de teatro em oferecer propostas de espetáculos com os mais diversos formatos E que muita vezes até se inspiram nos próprios currículos escolares. Parece-me que o grande trabalho a promover, para além da ida ao teatro, são projetos dentro da escola e em continuidade levando os artistas a promover diálogos e atividades promotoras de percursos criativos e que enraízem mais que a vontade, a necessidade dos participantes para usufruir da arte nas suas vidas e criando públicos críticos e compostos de diversidade social e cultural.
- Outras considerações/perspectivas para a relação artístico pedagógicas, de sua pertinência;
Acho absolutamente fundamental refletir, de ambos os lados, no que é uma criança e um jovem neste início de século, visto que as divisões etárias, a sua inteligência, sensibilidade e interesses, em nada correspondem com o que, nós adultos, temos como referência; refletir também sobre como e com o quê queremos contribuir para a formação destas pessoas de vários tamanhos que terão de se integrar no mundo da globalização e onde os paradigmas educativos já não servem para a construção de cidadãos participativos, criativos, críticos e cuja formação e apropriação do conhecimento é cada vez mais autogerido e realizado pela vida fora. Penso que a arte tem um papel fundamental neste processo e é, caso a educação o aceite consistentemente, um parceiro precioso da educação com vista à promoção de inteligências múltiplas (a intuição por exemplo) e promotoras de cenários relacionais e de construção através da imaginação de muitas possibilidades, em que o erro e a imprevisibilidade estão integradas nos processos de autoconhecimento e aprendizagem cognitiva, social e criativa, de forma a contribuir para a realização pessoal dos indivíduos, integrados num mundo onde tanta virtualidade lhes é exigida. A arte pode contribuir para a apropriação da próprias pessoa, do mundo e do universo. Saibamos encontrar, receber e misturar todas a sinergias necessárias para a realização deste trabalho.

Madalena Wallenstein, Programadora e coordenadora CCB/Fábrica das Artes – projeto educativo dirigido a públicos diversos

ANEXO - VIII

Centro Cultural de Vila Flor - Guimarães

Projeto para a criação de um Serviço Educativo

A criação de um serviço educativo (nomenclatura usual e comum, mas passível de ser discutida, pelo menos no sentido em que é usada e entendida) é uma questão que se torna pertinente quando falamos da criação e implantação de uma estrutura de oferta cultural em tecido urbano.

Apesar das especificidades características dos diferentes públicos, o Serviço Educativo deverá ser entendido como uma valência que pretende atingir públicos “virgens”, de alguma forma não familiarizados com as distintas expressões artísticas e com particularidades que devem ser tomadas em conta.

Numa pretensa segmentação de públicos e utilizando critérios como a idade, o capital escolar e o nível socioeconómico, é-nos logo possível identificar grupos que por um ou vários destes critérios não têm possibilidade de consumir e fruir os bens culturais. É especificamente para estes grupos que o Serviço Educativo pretende existir, tentando colmatar lacunas e abrir portas para a descoberta, a análise, a crítica, a experimentação e a realização.

Objetivos Gerais

Os objetivos gerais da criação deste serviço educativo são essencialmente:

- Proporcionar o encontro das artes com novos públicos;
- Propor a descoberta de espaços não acessíveis ao público em geral;
- Desenvolver capacidades artísticas, sentido estético e sentido crítico;
- Criar necessidades estéticas e artísticas.

Objetivos Específicos

Criar uma relação estreita com a comunidade escolar, auscultando as necessidades e expectativas destes, para que as propostas a apresentar vão, de alguma forma, ao encontro destes.

Proporcionar uma atividade regular que englobe formação, criação e a apresentação de espetáculos.

Dar a conhecer as artes, os artistas e os métodos.

Programação

Numa primeira abordagem a um serviço educativo, o projeto a apresentar deverá ser, sobretudo, para se dar a conhecer junto dos públicos-alvo e apresentar propostas aliciantes que possam cativar e interessar públicos distantes e não familiarizados.

Em simultâneo e porque se pretende que estas atividades se iniciem no período temporal onde decorrerá a abertura do Centro Cultural de Vila Flor, a proposta de programação tem como mote “À descoberta do Espaço”

à DeSCoBeRTa Do eSPaÇO (foi o tema de trabalho em 2006)

Tendo como ponto de partida um novo espaço que se abre à cidade, a proposta é, através da formação, criação e apresentação de ações, dar a conhecer as suas valências e potencialidades, bem como as linhas, os cantos e recantos.

Proposta de criação do Serviço Educativo – Março 2005

Início do seu funcionamento – Julho 2005

Criação da equipa núcleo – Janeiro 2006

ANEXO - IX

QUESTIONÁRIO INFORMAL A

Elizabete Paiva, Coordenadora do Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor, Guimarães

Dezembro 2011

- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?

Sendo exigente e rigoroso quanto às formas de contacto que propõe com os públicos. Não minimizando a inteligência do público. Não sendo um *tradutor*, mas um veículo de encontro e de confronto. Adequando, claro, as propostas às diferentes populações, comunidades, públicos a que se destina, mas sem infantilizar, sem repetir fórmulas “para as escolas”, “para os velhinhos”, etc. e sem pretender escamotear que os objetos artísticos são, à partida, “objetos estranhos, corpos, formas, pensamentos que nos desafiam, provocam, retiram da zona de conforto, fazem-nos descobrir o outro lado do que já conhecíamos... Se um serviço educativo quiser fazer um bom trabalho neste sentido deve respeitar a natureza das manifestações artísticas e desafiar os públicos a serem igualmente livres no modo como interpretam e se relacionam com estas manifestações.

- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?

Sim e não. É numa perspetiva transversal da programação de um espaço cultural que se constroem relações com as comunidades e com os públicos. Um serviço educativo, por muito bem que funcione, se estiver à margem de um pensamento estrutural da instituição sobre o seu lugar na comunidade, não responde às necessidades de criação de público.

- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?

Sim. Embora considere igualmente importante contaminar o espaço escolar com outras práticas e modos de estar, é fundamental valorizar os lugares simbólicos de uma comunidade e uma instituição cultural é um desses espaços basilares.

- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

Retorno à resposta à pergunta 2. Se não houver um pensamento estrutural da instituição, o Serviço Educativo pode muito pouco.

O serviço educativo, pode, no entanto, ser um espaço privilegiado para a experiência das práticas artísticas, ou seja, do *fazer*, e o *fazer*, sem dúvida, aproxima as pessoas das manifestações artísticas. Estas passam a fazer parte das suas experiências, parte do seu quotidiano, passam a ser tangíveis e passíveis de se relacionar com o mundo que nos rodeia, em vez de permanecerem formas abstratas e sacralizadas.

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?

À partida, sem dúvida. Mas resta saber o que é informação.

Informação sobre o mundo que nos rodeia? – sim, um artista vive numa sociedade, é uma pessoa do mundo; acho que a criação é tanto mais rica quanto é atenta ao meio/ contexto (sem que isso signifique que deva moldar-se ao meio, isso é outra coisa.) Informação neste sentido torrencial, dos media, acho que não, que não é tão útil como nos querem fazer parecer – hoje é urgente privilegiar o recolhimento, a leitura, o tempo de estar com as pessoas – estar também abre oportunidade ao conhecer. Acho mais valioso o *conhecer* do que o *estar informado*.

- O Serviço Educativo pode centrar a sua ação exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com ações exclusivas?

Acho que ambos os caminhos são válidos e não devem (se possível) excluir-se. Deve haver adequação entre objetivos e estratégias. Deve fazer-se uma leitura das necessidades do contexto e da instituição. Do que pretende cumprir junto da comunidade.

- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo?

Depende do contexto. A primeira condição é, como já disse, a instituição querer pensar-se. É fácil instrumentalizar os públicos através do Serviço Educativo. Esta é a primeira dificuldade que vejo – é preciso saber o que se pretende.

Depois, pode haver dificuldades de recursos.

Uma sala que se possa sujar, habitar, é importante, mas pode ser igualmente desafiante levar o público a ocupar o espaço formal da instituição e com essa presença transformá-lo, contaminá-lo.

Orçamento é importante, mas criatividade é mais importante – bons convidados para conversar, parcerias com outras instituições, chamar pessoas de referência da comunidade a trabalhar com o serviço educativo, como elementos que partilham o seu saber, que dão do seu tempo, que reforçam o pape simbólico das instituições.

Depois, é preciso ser persistente, pois existe uma inércia generalizada dos públicos. Este não é no entanto um problema do SE, é um problema transversal da sociedade que é preciso combater.

ANEXO - X

SERRALVES

PROGRAMA EDUCATIVO 2010-2011

20 SET 2010 - 30 JUN 2011

A programação do Serviço Educativo da Fundação de Serralves aposta numa relação de crescente cumplicidade com a comunidade, num campo alargado de possibilidades de ação, capaz de envolver diferentes públicos e contextos, através de parcerias com escolas, universidades, associações, entre outras instituições.

Os processos de trabalho desenvolvidos são abertos e flexíveis, estimulam o pensamento, a criatividade, valorizam uma aprendizagem reflexiva, dialógica e potencialmente transformadora.

Deste modo, propõem-se novas formas de participação cultural, na perspetiva de uma partilha de curiosidades, de conhecimentos e de afetos, em abordagens transversais às temáticas da arte, da arquitetura, do ambiente e da cidadania.

<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1853>

ANEXO - XI

QUESTIONÁRIO INFORMAL A

MARGARIDA SARAIVA | SERRALVES

- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?

De várias formas. Todas as que conseguirmos imaginar. Até onde chegar o limite da nossa imaginação. Depende por isso da capacidade criativa de quem estiver encarregue de dirigir e coordenar os serviços.

- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?

Depende bastante do trabalho feito pelos espaços culturais e também da capacidade de marketing. Há museus que não têm direção de marketing. Serralves tem. A formação de públicos é um trabalho conjunto e não tem só a ver com o serviço educativo. Tem uma dimensão que está muito relacionada com a programação que o Museu. Por isso, não é responsabilidade exclusiva do serviço educativo.

- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?

Acho absolutamente fundamental. Há muitas crianças no país que não têm possibilidade de acompanhar os seus pais para visitar os museus, e a escola pode contribuir para a formação das crianças por essa via e os museus cumprindo a sua parte de apresentação do conjunto de uma programação que é interessante e que pode servir para ser explorada pelas escolas em diversas disciplinas.

- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

Assim o desejamos e fazemos tudo para que isso aconteça. O nosso entendimento é que num contexto de um museu e de outros espaços culturais, deve haver essa preocupação, como acontece em Serralves.

A nossa programação não acaba com a sua apresentação. Nós fazemos as exposições e depois para além das exposições temos um conjunto de formas de comunicação, desde os textos que estão nas paredes, até aos roteiros das exposições, até às visitas multimédia. No fundo, são tudo formas que nós encontramos e que utilizamos para nos aproximar das pessoas ou para estreitar a relação que se estabelece entre cada um dos nossos visitantes e a obra de arte em

si. Depois temos outros programas que têm uma aproximação mais direta e que é feita com os monitores do nosso museu. Nós temos 20 monitores – guias a trabalhar no serviço educativo na parte das artes, porque este serviço é dividido em dois – temos uma parte de ambiente e uma parte de artes. Fazem também um trabalho de acompanhamento promovendo uma grande proximidade com o público em geral, tanto com escolas e universidades, como com o público que nos visita sem ser através de grupos organizados.

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?

Sim as pessoas mais conhecedoras no domínio das artes podem ser mais interventivas.

Mas o trabalho de aproximação dos públicos à arte, é um trabalho que envolve muitas competências. Envolve competências científicas no domínio da história da arte, por exemplo, mas também do conhecimento das práticas. Um certo conhecimento das Belas Artes, e depois um certo conhecimento da área da educação e da pedagogia e finalmente grandes competências da capacidade de comunicação. Portanto, não basta ser muito conhecedor no domínio das artes. É preciso reunir este conjunto de competências para se poder fazer esse trabalho de forma eficaz. É exatamente por isso que é tão difícil encontrar pessoas que sejam capazes de o fazer bem feito.

- O Serviço Educativo pode centrar a sua ação exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com ações exclusivas?

Em Serralves temos uma programação que é paralela às exposições. Temos também um programa “Famílias” que decorre todo o ano e que pontualmente, ao longo do ano, também se liga às exposições e à celebração de certos dias especiais, como por exemplo o Dia Internacional do Livro, o Dia da Mãe, o Dia do Pai, etc, e isso não tem nada a ver com as nossas exposições. Depois temos a programação das festas do “Outono”, Serralves em Festa” e o “Natal em Serralves” que são ocasiões em que nós também temos uma programação educativa que não parte das exposições, mas que está ligada àquela estação do ano em particular. E temos também um programa “ARTES” que é composto por um conjunto de workshop’s e seminários que também são em certa medida independentes das exposições da programação.

- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo?

São encontrar as pessoas adequadas. Isso é o mais difícil e o mais importante.

ANEXO – XII

Projetos educativos TNSJ



Os projetos educativos do Teatro Nacional S. João são elaborados a partir da programação que integra o Teatro S. João, o Teatro Carlos Alberto e o Mosteiro de São Bento da Vitória.

Captar e contribuir para a formação de novos públicos, aprofundar a experiência teatral por parte de todos os públicos com especial incidência nas comunidades escolares, sensibilizar o gosto pelo teatro são os objetivos dos projetos educativos do TNSJ, no âmbito da sua missão de serviço público.

Com o objetivo de aproximação da comunidade escolar com os projetos artísticos e pedagógicos do TNSJ criou-se o programa Embaixador - dirigido aos professores que se assumem como interlocutores junto de grupos de alunos que dinamizam as vindas da escola aos espetáculos do Teatro Nacional S. João, Teatro Carlos Alberto e Mosteiro de S. Bento da Vitória. Fornecem-se aos professores/Embaixadores TNSJ condições de acesso privilegiadas aos espetáculos - informações, cadernos pedagógicos, acesso a ensaios, conversas com criadores e intérpretes, visitas guiadas ao TNSJ e visitas dos intérpretes às escolas.

Ao longo das temporadas, desenvolvem-se um conjunto de iniciativas dirigidas às comunidades escolares de que se salienta:

- **Frequência dos espetáculos**
- **Masterclasses** com os encenadores – os alunos das escolas de teatro e do ensino secundário, professores são convocados para uma masterclass com o encenador do espetáculo onde são abordadas questões sobre a construção do espetáculo.
- **Encontros com os criadores** – conversas informais com os elencos e criadores dos espetáculos do TNSJ de grupos de alunos após a visualização do espetáculo.
- **Oficinas de Teatro**
- **Projeto Escolas no Teatro**

Projeto de interação dos universos escolar e teatral. Ao longo do ano letivo, propõe-se às comunidades escolares que invistam a experiência adquirida com a frequência dos espetáculos na realização de projetos de expressão plástica ou escrita, que serão depois objeto de uma exposição num dos espaços do TNSJ.

Pretende-se com este projeto estimular a utilização do TNSJ enquanto instrumento de enriquecimento das práticas pedagógicas desenvolvidas em cada escola.

Para além de assistirem ao/s espetáculo/s que escolheram como mote para o trabalho a desenvolver na escola, os alunos participam em visitas guiadas, recebem visitas nas escolas, fotografam e filmam ensaios.

- **Visitas guiadas** aos bastidores do teatro e dos espetáculos.

Partindo da vertente patrimonial, os grupos escolares que visitam o Teatro Nacional S. João, o Teatro Carlos Alberto e O Mosteiro de S. Bento da Vitória, têm acesso a zonas técnicas de produção dos espetáculos e informação sobre a sua construção. A visita é delineada de acordo com a faixa etária e os interesses do grupo, podendo ter componentes de teor técnico que contam com o apoio dos funcionários do TNSJ de cada especialidade – técnicos de palco, luz, som, figurinos, adereços são as áreas mais solicitadas.

ANEXO - XIII

QUESTIONÁRIO INFORMAL A

MARGARIDA CORTE-REAL | TEATRO NACIONAL S. JOÃO

Relações Públicas

- Na sua opinião, de que modo é que o Serviço Educativo pode ser uma forma de proporcionar aos públicos novas experiências e novos conhecimentos no domínio das artes?

Sim, sempre, caso contrário não terá interesse.

O serviço educativo de uma instituição cultural, nas suas inúmeras vertentes deve proporcionar aos destinatários das suas atividades uma sensibilidade e gosto pela arte e a possibilidade de experimentação de linguagens artísticas diversas.

- A criação de públicos depende muito do trabalho do serviço educativo?

Sendo uma ferramenta importante na captação e formação de novos públicos, os serviços educativos ou os projetos educativos devem estar ao serviço da instituição em que estão inseridos, no âmbito da sua missão. A matriz no caso de um teatro é o seu projeto artístico.

- Considera importante a deslocação organizada de escolas à Casa da Cultura?

Sim, considero que os alunos devem sair da escola para vivenciarem manifestações artísticas no seio das comunidades em que estão inseridos. Um espetáculo de teatro deve ser visto numa sala de espetáculos, um quadro no museu ou na galeria de arte, etc.

- A existência de um serviço educativo contribui para o estreitamento de relações de proximidade entre as pessoas (público) e as manifestações artísticas?

Sim, em absoluto.

- Partilha da ideia de que pessoas mais informadas, no domínio das artes, poderão ser mais intervenientes?

Sim.

- O Serviço Educativo pode centrar a sua ação exclusivamente a partir da programação existente, ou pode complementar com ações exclusivas?

Creio que as duas valências fazem parte de um serviço educativo.

- Que dificuldades haverá para a implementação de um serviço educativo?

As principais dificuldades serão a criação de uma estrutura ágil, eficiente, com competências adequadas ao projeto e a disponibilização de recursos financeiros.

ANEXO - XIV

Breve caracterização do concelho de Seia

População e território

O Concelho de Seia, segundo os últimos Censos, tem uma população de residente de 24.631 habitantes (Censos 2011, INE), tendo perdido nos últimos 10 anos, 3.513, já que registava nos Censos anteriores, 28.144, o que representa uma quebra de 12,45%.

Trata-se de um concelho de baixa densidade populacional, situado no sopé ocidental da serra da Estrela, com uma área de 437 Km², constituído por 29 freguesias, das quais, segundo a nova classificação da Direção Geral das Autarquias Locais, 22 situadas em Áreas Predominantemente Rurais (APR), 6 em Áreas Maioritariamente Urbanas (AMU) e uma com predominância urbana (AMU).

Cidade antiga, com ocupação primitiva que remonta à época pré romana, *foi-lhe concedida foral em 1136 por D. Afonso Henriques* (Bigotte, 1992, p-145).

Devido à sua localização privilegiada, Seia é uma das entradas naturais para a serra da Estrela e, por isso, um centro turístico de interesse, visitada anualmente por milhares de forasteiros. Possui instalações hoteleiras modernas, estabelecimentos de restauração, centros comerciais, património histórico valioso, com destaque para a capela romana de São Pedro, o Solar dos Botelhos ou a Anta do Carvalhal.

Desde a década de 60 até meados da década de 90, em termos económicos foi predominante a mono-indústria têxtil, que deu lugar a um tecido económico diversificado, com destaque para as atividades ligadas aos serviços e ao turismo. Deste último sector resultam um conjunto de atividades paralelas, das quais se destacam as que resultam do incremento de produtos da gastronomia artesanal como sejam o queijo da serra, o pão, os enchidos e a própria produção de vinho.

Em termos de empresas de maior dimensão, segundo dados da Câmara Municipal de Seia, assinala-se a existência de uma fábrica alemã de calçado que

emprega cerca de 300 trabalhadores e um call-center da EDP com perto de 400 trabalhadores. Regista-se ainda um outro sector que absorve mão-de-obra significativa, que é o sector social, estimando-se que absorva mais de 1.000 pessoas ao serviço nas várias instituições de solidariedade social (CMS, 2011). A área dos serviços, tem igualmente um peso expressivo, se tivermos em conta os cerca de 300 trabalhadores do município, os professores, o pessoal das repartições públicas e do hospital e centros de saúde.

Os níveis de instrução da população residente apresentam-se tendencialmente baixos, tendo apenas 33% o 1º ciclo do ensino básico, 16% não sabe ler nem escrever e 15% sabe ler e escrever sem possuir qualquer grau de ensino, sendo o número de indivíduos altamente qualificados diminuto.

A rede de equipamentos de ensino apresenta uma oferta diversificada e quantitativamente considerável. Segundo dados fornecidos pela Câmara Municipal, o concelho tem um total de 3.844 alunos, de todos os níveis de ensino:

Creches da rede particular – 192 crianças;

Jardins de Infância da rede particular – 192 crianças;

Jardins de Infância da rede pública – 245 crianças;

Escolas do 1º CEB – 574 alunos;

Escolas do 2º e 3º CEB – 1134 alunos;

Ensino Profissional – 241 alunos;

Ensino Secundário – 699 alunos;

Ensino Superior – 387 alunos

ANEXO - XV

PARA LÁ DA CORTINA... TODOS AO PALCO!

Oficina de férias | Projeto de Educação pela Arte e pela Cultura

APRESENTAÇÃO- Outubro de 2011

Coordenação, produção e direção pedagógica - Cultideias

Dinamização Monitor Cultideias a definir

(com colaboração de elementos da equipa do teatro ou auditório)

Público-alvo 3 aos 6 anos ou 7 aos 10 anos

Nº de participantes: mínimo 10, máximo 25

Duração 2 horas (manhã ou tarde)

Haverá 10 realizações em dias seguidos para grupos distintos

Período de Realização 1 semana interrupções letivas

Local de realização: Cineteatro da Casa Municipal da Cultura de Seia

Condições do espaço sala de espetáculos com possibilidade de acesso aos bastidores

Equipamentos sistema de som no palco

Materiais da responsabilidade da equipa de produção

Nota importante Serão agendadas, previamente à atividade, visitas de reconhecimento aos seus locais de realização, com a possibilidade de reunião com a equipa de trabalho de cada sala de espetáculos.

SINOPSE

Para lá da cortina acontecem muitas coisas! Actores que se preparam para entrar em cena, músicos que afinam instrumentos, cenários que se constroem, adereços que se escolhem.

Uma oficina onde partimos à descoberta dos segredos que habitam os bastidores de um palco. Vamos registá-los e guardá-los para nunca mais serem esquecidos!

OBJECTIVOS

- Fomentar o contacto com os espaços de criação e realização de espetáculos
- Estimular a criatividade e revelar curiosidades do meio artístico
- Trabalhar o conceito de memória a partir da criação de um guia suporte
- Desenvolver a capacidade de comunicação
- Incentivar o trabalho em grupo e o respeito pelo próximo

DESCRIÇÃO

Os participantes são convidados a fazer uma viagem pelo mundo dos palcos, partindo à descoberta dos segredos que cada sala contém, através de um percurso pelos espaços de criação e realização de espetáculos.

_Uma viagem para crianças dos 3 aos 6 anos, a partir de uma mala de viagem com objetos de diferentes formas e texturas que remetem para os diferentes espaços e atividades que nele se desenvolvem.

_Um jogo para crianças dos 7 aos 10 anos, que propõe a recolha de pistas, a resolução de desafios e o desvendado de um mistério.

Propõem-se como espaços a conhecer: **1.** Foyer / Bilheteira; **2.** Bengaleiro / Cafeteria / Bar; **3.** Cabine de projeção/Régie; **4.** Camarins; **5.** Subpalco/Teia; **6.** Palco/Plateia

ANEXO – XVI

CURSO DE INICIAÇÃO TEATRAL

Orientação de Alexandre Sampaio

Seia, 2012

O teatro, entendido na possibilidade que oferece de uma educação global, holística e profundamente humanista, é não só um património cultural cuja origem se confunde com a da existência humana, como um meio de aceder ao conhecimento do mundo, transfigurando-o, representando-o e concedendo-lhe o estatuto de realidade.

O teatro coloca-nos, perante nós mesmos, singulares e inconfundíveis, e em jogo, propõe-nos o diálogo com as questões antigas e primeiras de existir; impele-nos à alteridade, ao reconhecimento do outro, diverso, mas portador das mesmas questões e anseios, conhecedor de outras respostas, outro mundo, outro olhar.

O teatro é um ato partilhado. É esta partilha que se pretende dar a conhecer, proporcionando uma formação de base que permita uma introdução ao teatro e às artes performativas, nas suas muitas componentes, e dotar os participantes de instrumentos de avaliação do produto artístico, criando público, enquanto se criam, simultaneamente, vontades de se ser agente de criação.

OBJECTIVOS GERAIS

- Conhecer os processos de criação teatral e os pressupostos estéticos e culturais das artes performativas;
- Desenvolver competências de leitura crítica e apreciação e valorização estéticas e culturais no sujeito entendido como espectador ativo do produto teatral;
- Identificar a prática teatral como meio privilegiado de colocar em jogo variáveis de identificação e interação intra e interpessoais, desenvolvendo processos de resolução de conflitos e de reconhecimento/ construção/ negociação da realidade;
- Promover a criação de um repertório expressivo e de interação verbal e não-verbal;
- Desenvolver atitudes de assertividade, autoconfiança e autoestima.

CONTEÚDOS

- Teatro e Actor
 - Enquadramento histórico
 - Paradigmas performativos
- Expressão e Interpretação
 - Voz: respiração, postura, ressonância e projeção
 - Gesto e Movimento: tensão, intenção, equilíbrio e coreografia
 - Ação e Personagem: identidade e alteridade
- Espaço Cénico
 - Luminotecnia: cor e desenho de luz
 - Cenografia: simbolismo e plasticidade espacial

Figurino: corpo físico e psicológico

- Dramaturgia
 - A realidade como objeto de estudo
 - A vida como matéria-prima
- Apresentação final, pública

Alexandre Sampaio, é encenador, performer, animador cultural e formador em expressões artísticas e animação sociocultural. Enquanto criativo multidisciplinar, dedica-se também a projetos de fotografia, instalação, e literatura. Encenou Oriana Fallaci, António Lobo Antunes, Eugénio de Andrade, Woody Allen, Eugène Ionesco, Luísa Costa Gomes, Abel Neves, Vicente Sanches, Max Aub, Jean Cocteau, Garcia Lorca, Woody Allen e Samuel Beckett. Orientou ateliês na Universidade de Aveiro, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, Casa da Cultura de Seia, Casa da Cultura de Sta. Comba Dão, Junta de freguesia de S. Bernardo, Centro Cultural da Taipa, Teatro Escola Velha de Gouveia, Escola Secundária de S. Comba Dão, Escola Secundária de Gouveia, Escola Secundária do Montejunto, entre outras. Frequentou ateliês com Madalena Victorino, Denis Chabroullet, Filipe Crawford, Sara Dionísio, Marion Gough, Maria José Fazenda, Jorge Fraga, Lisa Bompastor, Miguel Pereira, Sherry Robbins, Rogério Nuno Costa, João Lizardo, Margarida Mestre, José Geraldo, José Leitão, Mário Montenegro, Manuela Pedroso, entre outros.

ANEXO - XVII

Relatório de Visitas de estudo à exposição de artes plásticas “O Corpo”, na Casa da Cultura de Seia

Entre o dia 28 de novembro e 15 de dezembro de 2011, realizaram-se dez visitas de estudo à referida exposição, na Casa Municipal da Cultura de Seia, envolvendo alunos e professores do Agrupamento de Escolas de Seia, com sede na Escola Secundária de Seia.

Foram seleccionadas para a visita as turmas do 3º Ciclo com a disciplina de Pintura (7ºD, 7ºE, 8ºD, 8ºE, 9ºB e 9ºC), a única turma com Educação Visual da EB 2 3 de Tourais/Paranhos (9ºA), a turma do Curso de Educação e Formação – Fotografia (9ºE) e duas turmas do Curso de Artes Visuais da Escola Secundária de Seia (10ºF e 11ºG), num total de 174 alunos.

As visitas foram organizadas e preparadas pelos professores Eduardo Gonçalves, Fernanda Nascimento, Rui Gouveia e Sérgio Reis, em articulação com a Casa Municipal da Cultura de Seia, na pessoa do seu responsável e programador, Mário Jorge Branquinho. Duas das visitas contaram com a colaboração e acompanhamento dos professores Carlos Martins e Nélida Abrantes, de modo a incluir os alunos de Educação Tecnológica no caso das turmas de Pintura em regime semestral.

O transporte dos alunos das escolas com 3º Ciclo foi cedido gratuitamente pela Câmara Municipal de Seia. A calendarização e horários, definidos e acertados com a CMS, foram cumpridos sem alterações nem atrasos significativos. É de referir o profissionalismo e colaboração dos motoristas da CMS. As turmas do Curso de Artes Visuais, por decisão concertada entre alunos e respetivos professores, deslocaram-se por meios próprios desde a Escola Secundária.

Todos os alunos das turmas referidas realizaram a visita com autorização escrita dos respetivos encarregados de educação.

Com grande interesse educativo e com potencialidades pedagógicas, estas visitas possibilitaram o contacto dos alunos com obras de arte de diversos géneros e estilos, algumas das quais de artistas locais e regionais. Os alunos reconheceram a importância da visita, na qual participaram de modo interessado e responsável, tendo referido que gostariam de realizar mais vezes este tipo de atividades.

Seia, 03 de janeiro de 2012

O Sub-coordenador do Grupo Disciplinar da Área Artística,
Sérgio Reis

ANEXO - XVIII

Descrição da ARTIS – FESTIVAL DE ARTES PLÁSTICAS DE SEIA

O evento ARTIS, nasceu da 1ª Exposição coletiva de artistas senenses, em Maio de 1999 e que se repetiu nos dois anos seguintes nas Galerias da Casa Municipal da Cultura de Seia.

Em Maio de 2002 nascia então como ARTIS – Festa das Artes e Ideias de Seia, já que no ano anterior tinha sido constituída a Associação de Arte e Imagem, que em parceria com a Câmara Municipal de Seia passou a organizar o evento.

Tem-se realizado consecutivamente ao longo destes anos e em Maio de 2011, a 10ª edição transformou-se em Festival de Artes Plásticas.

Um Salão aberto a artistas nacionais e estrangeiros, e integrando outras atividades e iniciativas paralelas, entre as quais uma Mostra de Pintura, uma Mostra de Escultura e outra de fotografia de artistas locais.

A exposição coletiva do concurso nacional de pintura e escultura tem lugar nas Galerias da Casa Municipal da Cultura, de acordo com a pré-seleção dos trabalhos submetidos a concurso.

No Salão de Artes Plásticas, podem participar todos os artistas interessados, nacionais ou estrangeiros, com o máximo de duas obras originais recentes, de pintura ou escultura, não premiadas anteriormente.

www.artisdeseia.blogspot.com



ANEXO – XIX

Descrição da LUDOTECA MUNICIPAL DE SEIA

Num espaço completamente renovado, que nos remete para o mundo do imaginário e da brincadeira, e que não deixará ninguém indiferente, a antiga casa dos Magistrados alberga desde o dia 19 de Dezembro de 2010 a nova Ludoteca Municipal.

Destinado a crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos, o novo espaço inovador, em que a atividade lúdica abraça e entrelaça-se com a atividade educativo/pedagógica, oferece tempo, espaço, recursos humanos e materiais, onde a criança pode escolher e desenvolver interesses individuais e de grupo.

“ novas vivências ... espaços inovadores”

Na Ludoteca a criança encontra espaços para brincar, companheiros da mesma idade, os próprios pais e outros adultos, onde pode estar e ser, jogar e interagir, comunicar e expressar – se, descobrir e vivenciar novas situações e experiências, criar novos laços de amizade, ... brincando e jogando,..., “brincar dá prazer e sentimento de realização”.

É um espaço inovador em que a atividade lúdica abraça e entrelaça-se com a atividade educativo / pedagógica, oferecendo tempo, espaço, recursos humanos e materiais, onde a criança pode escolher e desenvolver interesses individuais e de grupo.

A Ludoteca é um meio, para atenuar as diferenças sócio – culturais e para os que podem ter todos os brinquedos e jogos, a Ludoteca permita – lhe encontrar companheiros de jogo.

Através da atividade lúdica a criança não só exercita os sentidos, a memória, a linguagem e o pensamento, mas também desenvolve - se fisicamente e acima de tudo, uma mais-valia na construção do seu equilíbrio emocional e afetivo, permitindo aprender a relacionar – se com os outros, facilitando o seu processo ensino – aprendizagem, adquirindo novas competências, novos conhecimentos, aprendendo brincando.

A Pedagogia estende – se cada vez mais para além da Escola, daí a relevância destes espaços inovadores, que oferecem à criança novas perspetivas, novas vivências e convivências, transportando – as ao mundo do maravilhoso, da criatividade, do estimulante, do fantástico. Um dos caminhos para a transformação do processo educativo, está no diálogo, na relação entre os diversos agentes educativos da comunidade, com a escola e entre si.

No âmbito de uma educação não formal a partir do conceito da palavra JOGO, promove-se e sugere-se todo um conjunto de possibilidades criativas abrangendo não só a cultura lúdica, como também a literatura, a música, as artes - dramática e plástica, o desporto, a ciência, a língua estrangeira, a moda, a culinária, as novas tecnologias, os meios de comunicação,

Tudo isto em forma de atividades continuadas ou pontuais, malas pedagógicas, oficinas pedagógicas, cursos, workshops, palestras...

Ludoteca Municipal

Rua Dr. António Melo Sena Mota Veiga, 6270-471 Seia, Tel.: 238 310 237

Correio electrónico: ludoteca@cm-seia.pt

Horário: De terça-feira a sábado: - Das 09h às 12:30h e das 14h às 17:30h

http://www.cm-seia.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=47&Itemid=74

ANEXO – XX

Grupo de Ludoteca Municipal de Seia



“A Fuga dos Brinquedos”

Encenação promovida durante o ano de 2011, junto de pequenos grupos escolares que visitaram este espaço lúdico.



Sinopse

Numa cidade, algures no mundo, uma mulher abastada e maquiavélica, quer deitar os brinquedos da filha, no lixo. Entretanto os brinquedos percebendo que a mãe da sua dona lhes queria fazer mal, reúnem e tentam encontrar estratégias para uma possível fuga... e quando estão prestes a fugir, aparece alguém... quem será? Vamos ver o que acontece...

Personagens

Bruxinha

Pirata

Soldado

Boneco de corda

ANEXO – XXI



MESTRADO DE ANIMAÇÃO ARTÍSTICA
O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da Casa
Municipal da Cultura de Seia
Escola Superior de Educação de Viseu
Mário Jorge Branquinho

“PINTURAS E CONTOS”

FICHA DE AVALIAÇÃO

Por favor preencha este questionário, assinalando com um X
(3 = satisfaz muito; 2 = satisfaz; 1 = satisfaz pouco)

	1	2	3
1. Expectativas relativas á Sessão Sensibilização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Conteúdos tratados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Conteúdos tratados Intervenção do(s) facilitador(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Documentação Distribuída	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Duração da Sessão Sensibilização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Organização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Condições Físicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Localização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Apreciação Global da Sessão Sensibilização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Utilize, por favor este espaço para nos deixar as suas sugestões e comentários.			

ANEXO – XXII



MESTRADO DE ANIMAÇÃO ARTÍSTICA
O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da Casa
Municipal da Cultura de Seia
Escola Superior de Educação de Viseu
Mário Jorge Branquinho

“AO TEATRO PELA MÃO DAS CRIANÇAS”_pais

FICHA DE AVALIAÇÃO

Por favor preencha este questionário, assinalando com um X
(3 = satisfaz muito; 2 = satisfaz; 1 = satisfaz pouco)

- | | 1 | 2 | 3 | |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------|
| 1. Gostou do espetáculo a que acabou de assistir? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| 2. Acha que é adequado às crianças? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| 3. Correspondeu ao que esperava? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| 4. Duração do espetáculo | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| 5. Organização | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| 6. Apreciação Global do espetáculo | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| 7. Acha que este tipo de espetáculo se deve repetir mais vezes? | SIM | ____ | NÃO | ____ |
| 8. Depois deste espetáculo vai ter vontade de vir mais vezes assistir a mais espetáculos de teatro à Casa Municipal da Cultura? | SIM | ____ | NÃO | ____ |
| 9. Considera importante este tipo de deslocações à Casa Municipal da Cultura? | SIM | ____ | NÃO | ____ |
| 10. Utilize, por favor este espaço para nos deixar as suas sugestões e comentários. | | | | |

ANEXO – XXIII



MESTRADO DE ANIMAÇÃO ARTÍSTICA
O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da Casa
Municipal da Cultura de Seia
Escola Superior de Educação de Viseu
Mário Jorge Branquinho

“A GENTE VAI À MÚSICA” _técnicos serviço social

FICHA DE AVALIAÇÃO

Por favor preencha este questionário, assinalando com um X
(3 = satisfaz muito; 2 = satisfaz; 1 = satisfaz pouco)

- | | 1 | 2 | 3 |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Gostou do concerto a que acabou de assistir? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2. Acha que as pessoas que trouxe gostaram? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 3. Correspondeu ao que esperava? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 4. Duração do Concerto | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 5. Organização | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 6. Apreciação Global do concerto | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 7. Acha que este tipo de concerto se deve repetir mais vezes? | SIM___ | NÃO___ | |
| 8. Acha que este tipo de concerto proporciona novas experiências e conhecimentos às pessoas portadoras de deficiência, no domínio da música? | SIM___ | NÃO___ | |
| 9. Considera importante este tipo de deslocações à Casa Municipal da Cultura? | SIM___ | NÃO___ | |
| 10. Utilize, por favor este espaço para nos deixar as suas sugestões e comentários. | | | |

ANEXO – XXIV



MESTRADO DE ANIMAÇÃO ARTÍSTICA
O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da Casa
Municipal da Cultura de Seia
Escola Superior de Educação de Viseu
Mário Jorge Branquinho

“A GENTE VAI À MÚSICA” _professores

FICHA DE AVALIAÇÃO

Por favor preencha este questionário, assinalando com um X
(3 = satisfaz muito; 2 = satisfaz; 1 = satisfaz pouco)

- | | 1 | 2 | 3 |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Gostou do concerto a que acabou de assistir? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2. Acha que as crianças gostaram? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 3. Correspondeu ao que esperava? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 4. Duração do Concerto | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 5. Organização | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 6. Apreciação Global do concerto | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 7. Acha que este tipo de concerto se deve repetir mais vezes? | SIM ____ | NÃO ____ | |
| 8. Acha que este tipo de concerto proporciona novas experiências e conhecimentos às crianças, no domínio da música? | SIM ____ | NÃO ____ | |
| 9. Considera importante este tipo de deslocações à Casa Municipal da Cultura? | SIM ____ | NÃO ____ | |
| 10. Utilize, por favor este espaço para nos deixar as suas sugestões e comentários. | | | |

ANEXO – XXV



MESTRADO DE ANIMAÇÃO ARTÍSTICA
O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da Casa
Municipal da Cultura de Seia
Escola Superior de Educação de Viseu
Mário Jorge Branquinho

“A GENTE VAI À MÚSICA”_séniores

FICHA DE AVALIAÇÃO

Por favor preencha este questionário, assinalando com um X
(3 = satisfaz muito; 2 = satisfaz; 1 = satisfaz pouco)

	1	2	3
1. Como avalia o concerto a que acabou de assistir?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Expectativas relativas ao concerto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Temas interpretados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Duração do Concerto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Organização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Apreciação Global do concerto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Acha que este tipo de concerto se deve repetir mais vezes? SIM ___ NÃO ___

8. Utilize, por favor este espaço para nos deixar as suas sugestões e comentários.

ANEXO – XXVI

Edifício da Casa Municipal da Cultura de Seia

